

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

ANDRÉA NARA LOPES HENRIQUES DE SOUSA

GRATIDÃO E RELIGIOSIDADE EM ADOLESCENTES UNIVERSITÁRIOS: UM
ESTUDO CORRELACIONADO PAUTADO NA PSICOLOGIA POSITIVA

São Leopoldo
2017

ANDRÉA NARA LOPES HENRIQUES DE SOUSA

GRATIDÃO E RELIGIOSIDADE EM ADOLESCENTES UNIVERSITÁRIOS: UM
ESTUDO CORRELACIONADO PAUTADO NA PSICOLOGIA POSITIVA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação Comunitária
com Infância e Juventude

Orientadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725g Sousa, Andréa Nara Lopes Henriques de
Gratidão e religiosidade em adolescentes universitários:
um estudo correlacionado pautado na psicologia positiva /
Andréa Nara Lopes Henriques de Sousa; orientadora Gisela
Isolde Waechter Streck. – São Leopoldo : EST/PPG, 2017.
85 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2017.

1. Psicologia positiva. 2. Religiosidade. 3. Gratidão. I.
Streck, Gisela I. W. (Gisela Isolde Waechter). II. Título.

ANDRÉA NARA LOPES HENRIQUES DE SOUSA

GRATIDÃO E RELIGIOSIDADE EM ADOLESCENTES UNIVERSITÁRIOS: UM
ESTUDO CORRELACIONADO PAUTADO NA PSICOLOGIA POSITIVA

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Educação Comunitária
com Infância e Juventude

Data:

Gisela Isolde Waechter Streck – Doutora em Teologia – EST

Nilton Eliseu Herbes – Doutor em Teologia – EST

AGRADECIMENTOS

Nada se faz sem esforço ou simplesmente de forma solitária. Há sempre quem dê sua contribuição, direta ou não e de forma especial, desejo agradecer:

A Deus, pelo dom da vida, e por ter me ensinado que as dificuldades são oportunidades de crescimento. Por se mostrar presente em todos os momentos de minha vida, colocando anjos em meu caminho e sempre me abrindo portas.

Em especial ao meu marido João, meus filhos André, Celine e Tátilla, minha mãe Remédios e minha tia Madalena pelo apoio constante e compreensão pelos momentos de ausência em prol da realização deste sonho.

Aos professores, pela importante participação na construção de conhecimento, de senso crítico e profissionalismo.

A minha querida orientadora Gisela Streck, obrigada pela fantástica contribuição na construção de conhecimentos, pelas sugestões para concretização deste trabalho. Agradeço ainda o interesse, a enorme paciência, a escuta, o carinho, a simpatia, a preocupação e a acolhida com que sempre demonstrou, e que tanto me ajudou. Foi uma honra e um prazer produzir com você.

Aos meus queridos amigos docentes da Faculdade Mauricio de Nassau, Demétrio, Evandro e Ricardo, que tenho a satisfação, de encontrar diariamente. A escuta, o acolhimento, as dicas, os sorrisos, as forças, os incentivos, os passeios, foram muito importantes, obrigada por tudo, vocês são um maravilhoso continente.

Meu imenso agradecimento as minhas parceiras de idas e vindas, de almoços e jantares, de sorrisos e choros, de passeios regados a calor e frio demais, Cintia e Simone e minha amada e doce Rosângela, minha Rô. À especialíssima amiga, parceira e marida, Alice, você é tudo isso e um bocado mais, obrigado por fazer parte do meu mundo e por me deixar fazer parte do seu, temos muitas memórias maravilhosas para recordarmos, revivermos e repaginarmos.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade e atenção; sem eles seria impossível a realização deste trabalho.

A todos os amigos do curso, pelas angústias divididas, pelo sentimento de força constantemente transmitidos reciprocamente e, principalmente, pelas amizades construídas.

A todos vocês, minha eterna gratidão!!!

RESUMO

A Psicologia Positiva é uma perspectiva teórica-metodológica-interventiva que se encontra em pleno desenvolvimento na atualidade. Trata-se de uma abordagem científica que apresenta um novo olhar sobre os estudos tradicionais acerca do comportamento humano. Ao contribuir com o campo da saúde e do bem-estar psicológico, essa área investiga o papel de uma variedade de construtos psicológicos positivos e favoráveis ao desenvolvimento, dentre eles a gratidão e a religiosidade. A gratidão se desenvolve durante a infância e a adolescência, e é num contexto em que a religiosidade está recorrentemente presente, que esta virtude se insere com maior ênfase. Nessa direção, o presente estudo tem por objetivo verificar a relação entre gratidão e religiosidade em uma amostra de adolescentes. Para tanto, contou-se com a participação de 204 adolescentes universitários, sendo em sua maioria mulher (65,8%), solteira (92,1%), católica (61,4%), de classe média (60,4%), medianamente religiosa (51,0%), com idade média de 19 anos. Estes responderam o Questionário de Gratidão, a Escala de Religiosidade da Duke (DUREL) e questões sociodemográficas. Procederam-se análises teste *t* de *Student* para comparação de grupos independentes e de correlação de Pearson para avaliar o relacionamento entre as variáveis. Como resultados, observou-se um padrão estatisticamente significativo de correlações entre o fator geral da gratidão e as dimensões de religiosidade. Gratidão correlacionou-se positivamente com religiosidade organizacional ($r = 0,19$; $p < 0,01$), religiosidade não organizacional ($r = 0,22$; $p < 0,01$) e religiosidade intrínseca ($r = 0,20$; $p < 0,01$). Por outro lado, o teste *t* não apontou diferença significativa entre os sexos em relação à gratidão. Quanto às diferenças de médias entre homens e mulheres na variável religiosidade, observou-se que as mulheres apresentaram maior pontuação em comparação aos homens na religiosidade intrínseca. Semelhante a este resultado, observou-se uma diferença marginalmente significativa entre as médias de homens e mulheres na dimensão religiosidade não organizacional, $t(204) = -1,68$, $p = 0,06$. Não foram verificadas diferenças entre os sexos para a religiosidade organizacional nesta amostra. Do mesmo modo, as diferenças entre gratidão e religiosidade considerando as variáveis classe social, estado civil e religião praticada pelo participante não se mostraram significativas. Diante desse quadro, confia-se que os objetivos tenham sido alcançados. Espera-se, dessa maneira, que esse trabalho se apresente como um complemento aos estudos previamente realizados, sobretudo aqueles que tratam da religiosidade na adolescência.

Palavras-chave: Psicologia Positiva, gratidão, religiosidade, adolescência.

ABSTRACT

Positive Psychology is a theoretical-methodological-interventive perspective which is in full development in current times. It is about a scientific approach which presents a new look at the traditional studies about human behavior. In contributing to the field of psychological health and well-being, this area investigates the role of a variety of positive psychological constructs favorable to development, among them gratitude and religiosity. Gratitude is developed during infancy and adolescence and it is in a context in which religiosity is recurrently present that this virtue is embedded with greater emphasis. In this direction, the goal of this present study is to verify the relation between gratitude and religiosity in a sampling of adolescents. To do this we counted on the participation of 204 university adolescents, the majority being women (65.8%) single (93.1%), Catholic (61.4%), from the middle class (60.4%), fairly religious (51.0%) with the average age of 19. These answered the Gratitude Questionnaire on the Duke Scale of Religiosity (DUREL) and sociodemographic questions. The Student *t* test analyses were carried out to compare independent groups and Pearson co-relation tests to evaluate the relationship between the variables. As results, a statistically significant pattern of co-relations was observed among the general factor of gratitude and the dimensions of religiosity. Gratitude was positively co-related with organizational religiosity ($r = 0,19$; $p < 0,01$), non-organizational religiosity ($r = 0,22$; $p < 0,01$) and intrinsic religiosity ($r = 0,20$; $p < 0,01$). On the other hand, the *t* test did not point out a significant difference between the sexes in relation to gratitude. As to the differences of averages between men and women on the variable religiosity, it was observed that the women presented higher points in comparison with men in intrinsic religiosity. Similar to this result, a marginally significant difference was observed between the averages of men and women in the dimension of non-organizational religiosity, $t(204) = -1,68$, $p = 0,06$. Differences between the sexes as to organizational religiosity were not verified in this sampling. In the same way, the differences between gratitude and religiosity considering the variables of social class, marital status and religion practiced by the participant were not significant. Faced with this framework, it is believed that the goals were reached. It is hoped, in this way, that this paper be presented as a complement to previously carried out studies, especially those that deal with religiosity in adolescence.

Keywords: Positive Psychology, gratitude, religiosity, adolescence.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. GRATIDÃO: A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA POSITIVA	17
1.1 Psicologia Positiva	17
1.2 Gratidão	22
1.2.1 <i>Aspectos históricos e conceituais</i>	22
1.2.2 <i>Correlatos da Gratidão</i>	26
1.2.3 <i>Mensuração da Gratidão</i>	30
2. A RELIGIOSIDADE NA ADOLESCÊNCIA	35
2.1 Considerações históricas e conceituais	35
2.2 Religiosidade e seus correlatos	46
2.3 Medidas de Religiosidade	50
3. PESQUISA SOCIAL COM ADOLESCENTES	55
3.1 Metodologia	55
3.1.1 <i>Delineamento e Hipóteses</i>	55
3.1.2 <i>Participantes</i>	55
3.1.3 <i>Instrumentos</i>	55
3.1.4 <i>Procedimento</i>	57
3.1.5 <i>Análise dos dados</i>	57
3.2 Resultados	58
3.3 Discussão	59
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	71
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	83
ANEXO I – QUESTIONÁRIO DE GRATIDÃO	84
ANEXO II – ESCALA DE RELIGIOSIDADE DA DUKE – DUREL	85

INTRODUÇÃO

A Psicologia Positiva é uma perspectiva teórica-metodológica-interventiva que se encontra em pleno desenvolvimento na atualidade. Essa abordagem científica apresenta um novo olhar sobre os estudos tradicionais acerca do comportamento humano, que, ostensivamente, enfatizavam os déficits, os danos e as deformidades^{1,2}.

Nesse sentido, a Psicologia Positiva propõe o equilíbrio de uma balança que, historicamente, sempre pesou para a dimensão dos aspectos negativos e das dificuldades. Esse campo do conhecimento não pretende negligenciar o sofrimento, as adversidades e as patologias, mas visa entender quais fatores influenciam os seres humanos a desenvolverem suas potencialidades, lidarem positivamente com os erros, perdas e conflitos, bem como gerenciarem com êxito seu cotidiano e suas relações. Dentre as dimensões exploradas por esta área encontram-se o trabalho, a educação, o amor, o crescimento, o agradecimento, a generosidade, a espiritualidade, entre outras características psicológicas positivas da experiência humana³.

Ao contribuir com o campo da saúde e do bem-estar psicológico, essa área de investigação empírica pressupõe o engajamento ativo do indivíduo no mundo, a existência de sentido e propósito na vida, e o estabelecimento de relações sociais⁴. Dessa maneira, estudar construtos que acentuam os aspectos favoráveis ao desenvolvimento de pessoas, comunidades e grupos é o objeto de estudo. Algumas temáticas exploradas são: resiliência, felicidade, positividade, perdão, altruísmo, enfrentamento, satisfação com a vida, espiritualidade, otimismo e empatia. Neste cenário específico, ressalta-se ainda outro construto relevante, a gratidão.

Emmons e Crumpler⁵ apresentam as primeiras formulações sobre a gratidão, compreendendo-a como uma emoção que provoca uma necessidade no indivíduo

¹ SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, v. 55, p. 5-14, 2000.

² FREDRICKSON, B. L. **Positivity**: Groundbreaking research reveals how to embrace the hidden strength of positive emotions, overcome negativity, and thrive. New York: Crown, 2009.

³ PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**: cadernos de educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

⁴ SELIGMAN, M. E. P. **Felicidade autêntica**. Editora Objetiva, 2004.

⁵ EMMONS, R. A.; CRUMPLER, C. A. Gratitude as a human strength: Appraising the evidence. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 19, 2000.

que a experiência, em retribuir ou recompensar alguém que lhe prestou uma ajuda ou lhe favoreceu um benefício. Entretanto, existe uma variabilidade teórica no tocante ao entendimento da gratidão, visto que alguns autores por vezes a consideram como um recurso das forças pessoais, como um afeto moral, como uma virtude moral, como um estado, como uma característica afetiva, assim como um traço de personalidade.

De modo geral, é possível conceituar gratidão como um estado psicológico de apreciação, reconhecimento e agradecimento da vida, podendo ser expressa na direção de outras pessoas ou forças. Para Seligman e seus colaboradores⁶, está relacionada à autotranscedência, juntamente com a religiosidade, e, sendo assim, constitui-se como um traço desejável na personalidade humana e na orientação social⁷.

Por ser reconhecida como uma virtude, sobretudo pela filosofia moral e pela teologia, a gratidão remete a bons hábitos, que, por sua vez, referem-se a um bom caráter pessoal. É no âmbito das religiões onde esse construto se insere com maior ênfase, estando presente em textos sagrados, rituais e preceitos, sendo considerada, nessa abordagem, como um estado permanente de agradecimento⁸.

Diversos estudos vêm comprovando a importância desta temática na explicação de outros construtos, tais como a satisfação com a vida, o bem-estar, o *coping* e a religiosidade⁹. É importante ressaltar o papel da última, visto que desde as civilizações mais remotas, a religiosidade atua como guia de comportamentos, atitudes e preferências. Dessa maneira, a relação entre gratidão e religiosidade é evidentemente significativa, pois diferentes pesquisas apontam que experiências mais profundas de gratidão estão fortemente ligadas a um componente religioso.

A expressão da gratidão acontece de diferentes maneiras a considerar as etapas do desenvolvimento humano, e a hipótese teórica que se sustenta é a de que ela começa a se desenvolver durante a infância e a adolescência. Nessa direção, a literatura aponta que o envolvimento religioso exerce uma função central para o

⁶ SELIGMAN, M. E. P.; STEEN, T. A.; PARK, N.; PETERSON, C. Positive Psychology progress: Empirical validation of intervention. **American Psychologist**, v. 60, n. 5, p. 410-421, 2005.

⁷ EMMONS, R. A. The Psychology of gratitude: an introduction. Em EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. (Orgs), **The Psychology of Gratitude**. London: Oxford University Press, 2004. p 3-16.

⁸ EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, p. 377-389, 2003.

⁹ MCCULLOUGH, M. E.; EMMONS, R. A.; TSANG, J. A. The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, p. 112-127, 2002.

desenvolvimento saudável na adolescência¹⁰ sobretudo naquilo que remete a construção da identidade¹¹. A amostra escolhida para o presente estudo se justifica a partir destas considerações.

Diante do exposto, percebe-se como relevante a compreensão da relação entre gratidão e religiosidade, em razão de que são temas fundamentais ao entendimento da dimensão boa da experiência humana. Esse olhar de reavaliação que a Psicologia Positiva propõe é de amplo valor teórico e metodológico, uma vez que possibilita a construção de intervenções com vistas ao melhoramento dos indivíduos e de suas relações em sociedade.

Neste panorama, o presente estudo apresenta como problema de pesquisa avaliar se a religiosidade e a gratidão estão correlacionadas em adolescentes. Para responder a esta questão, este trabalho se estrutura em duas partes principais: a primeira é de cunho teórico, apresentando de maneira detalhada considerações históricas e conceituais sobre os dois construtos, além de abordar seus correlatos e os principais instrumentos de medida na pesquisa psicológica nacional e internacional; a segunda, por sua vez, assume um caráter empírico, referindo-se a um estudo de campo realizado com uma população de adolescentes universitários.

Espera-se, por fim, que este trabalho se apresente como um complemento significativo aos estudos sobre a temática acerca da gratidão e da religiosidade no contexto da adolescência e juventude.

¹⁰ FURROW, J. L.; KING, P. E.; WHITE, K. Religion and positive youth development: Identity, meaning, and prosocial concerns. **Applied Developmental Science**, 2004. p. 17-26.

¹¹ KING, P. E. Religion and identity: The role of ideological, social, and spiritual contexts. **Applied Developmental Science**, v. 7, n. 3, p. 197-204, 2006.

1. GRATIDÃO: A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA POSITIVA

Este capítulo objetiva abordar aspectos teóricos acerca da gratidão. Antes de se considerar o construto propriamente dito, será apresentada a Psicologia Positiva, área do conhecimento que se propõe a investigar as qualidades e potencialidades dos seres humanos, e, portanto, compreende os estudos sobre gratidão. Em seguida, serão discutidos aspectos históricos, conceituais, e correlacionais, e por fim, algumas medidas, com foco direcionado para o instrumento utilizado na presente pesquisa.

1.1 Psicologia Positiva

Durante muito tempo a psicologia enfatizou em seus estudos as falhas, doenças e déficits do ser humano, e esse movimento se estendeu a outros campos do saber científico, fossem eles da saúde, das ciências sociais ou das ciências humanas. Entretanto, têm-se observado uma mudança nesse paradigma durante as últimas décadas, havendo um interesse crescente por parte dos pesquisadores acerca das características psicológicas positivas e favoráveis ao funcionamento ideal dos indivíduos¹². É nesse sentido que os aspectos virtuosos que influenciam os seres humanos a desenvolverem suas potencialidades, lidarem positivamente com os erros, perdas e adversidades da vida, bem como gerenciarem com êxito seu cotidiano e contribuírem eficazmente com o seu grupo, têm sido objeto de estudo¹³.

Há um consenso razoável por se dizer que essa perspectiva inovadora surgiu nos Estados Unidos no final dos anos de 1990. Tal campo passou a ser chamado Psicologia Positiva, e teve por precursor Martin Seligman, que se destacou com seus estudos sobre felicidade autêntica¹⁴. Em 1998, na incumbência de presidente da *American Psychological Association* (APA), Seligman produziu de forma mensal artigos que enfocavam a necessidade de a psicologia rever seus propósitos, defendendo que a área estava historicamente orientada para a compreensão e

¹² CAPRARA, G. V.; ALESSANDRI, G.; BARBARANELLI, C. Optimal functioning: The contribution of self-efficacy beliefs to positive orientation. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 79, p. 328-330, 2010.

¹³ GABLE, S.; HAIDT, J. What (and Why) is positive psychology?. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, p. 103-110, 2005.

¹⁴ SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva**: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas (Tradução de Costa, R. C.). São Paulo: Artmed, 2009.

tratamento das psicopatologias¹⁵, e acabava por negligenciar a missão que deveria ser tida como mais importante: assumir uma visão aberta e apreciativa das qualidades, motivações e potencialidades humanas¹⁶.

Seligman e Csikszentmihalyi¹⁷, em publicação na importante revista *American Psychologist*, afirmaram que o foco da psicologia tem sido quase unicamente curativo desde meados da Segunda Guerra Mundial. Esse paradigma de saúde-doença desempenhou forte influência sobre a atuação dos profissionais dessa área, que negligenciaram os aspectos positivos e saudáveis dos indivíduos e das comunidades por longos anos. Com base nisso, os autores supracitados propuseram que a psicologia positiva emerge com o objetivo de promover um equilíbrio nas bases da psicologia, definindo que o foco curativo e reparador precisa ser melhor ajustado e que o estudo das qualidades e virtudes do ser humano carecem de um olhar mais atento¹⁸.

Ainda no artigo em questão, Seligman e Csikszentmihalyi relatam pessoalmente sobre como atingiram essa compreensão. Seligman contou que estava com sua filha no jardim quando gritou com ela. A esperta menina explicou que era chorona, mas que ao completar cinco anos decidiu não mais ser assim, e explicou ao pai que se ela conseguia modificar isso, ele também poderia brigar menos. Como conta o autor, esta situação o fez chegar à conclusão de que o processo de educar não se restringe a corrigir uma criança quando necessário, mas a estimular o desenvolvimento das virtudes e potencialidades que ela já possui.

Csikszentmihalyi, por sua vez, vivenciou uma experiência diferente, mas que lhe proporcionou o mesmo *insight* de Seligman. Presenciou muitas pessoas perderem tudo (familiares, casas, bens, pertences) durante a Segunda Grande Guerra, e atentou que algumas delas conseguiam permanecer equilibradas mesmo diante desse contexto, ajudando os demais a manterem-se firmes e confiantes de que as coisas ficariam mais favoráveis. O autor escreve que essa situação o fez refletir sobre quais eram as fontes de força e integridade dessas pessoas, que nem sempre eram as de maior escolaridade ou as mais reconhecidas e habilidosas.

¹⁵ YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 80-95, 2003.

¹⁶ SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 216-217, 2001.

¹⁷ SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000.

¹⁸ PACICO, J. C.; BASTIANELLO, M. R. As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros. In: HUTZ, C. S. **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014. p. 13-21.

Diferentes pesquisadores têm discutido quando e como se originou o movimento da psicologia positiva. Gable e Haidt¹⁹, por exemplo, em uma de suas produções, debatem acerca das razões filosóficas, históricas e conceituais que fizeram com que a visão negativa da índole humana se popularizasse, e apresentam, então, três motivos que, segundo eles, justificam esse interesse por investigar os déficits e fraquezas dos indivíduos. Inicialmente, eles apontam a necessidade de ajudar aqueles que sofrem; em seguida, ressaltam o contexto da Segunda Guerra Mundial e todos os desastres que esse período propiciou; e, por último, responsabilizam as teorias psicológicas, muitas vezes enviesadas por elementos negativos e eventos desfavoráveis. Os autores defendem que esses fatores influenciaram significativamente as investigações científicas com foco exclusivamente negativo. Ao mesmo tempo, alegam que a psicologia positiva contribuiu consideravelmente para o desenvolvimento científico, pois se expandiu de forma rápida e eficaz, ajudando na redução e prevenção de sintomas patológicos²⁰.

É importante ter em conta que alguns autores contestam o súbito surgimento dessa área e remetem sua origem à década de 50 do século XX, resgatando que teóricos como Maslow e Rogers já discutiam tópicos da psicologia positiva e que, portanto, esse campo é derivado da psicologia humanista²¹. Pacico e Bastianello²² afirmam que o termo psicologia positiva foi utilizado pela primeira vez em 1954 no clássico de Maslow *Motivation and Personality*, uma das obras essenciais da vertente humanista. Na primeira edição dessa publicação, no capítulo “Toward a positive psychology”, Maslow escreveu que o potencial humano ainda não fora compreendido em sua plenitude, e que a psicologia voluntariamente limitou seus estudos a parte mais fraca do homem. Esse capítulo, entretanto, foi retirado da terceira edição da obra.

Nessa direção, pode-se dizer que, mesmo existindo relações aparentemente óbvias entre estes campos do saber, estas são recorrentemente ignoradas, uma vez que, conforme afirmam Paludo e Koller²³, não se observam referências humanistas nas produções de psicologia positiva. Por esse ângulo, Seligman e

¹⁹ GABLE; HAIDT, 2005.

²⁰ PALUDO; KOLLER, 2007.

²¹ RICH, G. J. Positive psychology: An introduction. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 41, p. 8-12, 2001.

²² PACICO; BASTIANELLO, 2014.

²³ PALUDO; KOLLER, 2007.

Csikszentmihalyi²⁴ argumentam que as contribuições do humanismo carecem de rigor metodológico e dados empíricos que produzam resultados consistentes, o que pode ter contribuído para que essas ideias não fossem amplamente reconhecidas em sua época. Por outro lado, as pesquisas em psicologia positiva, sejam elas de natureza quantitativa ou qualitativa, têm evidenciado resultados promissores, contribuindo para a compreensão das boas qualidades dos seres humanos e suas relações com outros construtos.

Nessa continuidade, Seligman²⁵ atesta a importância das investigações empíricas na área a partir de métodos científicos rigorosos, e apresenta três importantes pilares que sustentam essas investigações, a saber: a) a experiência subjetiva; b) as características individuais e forças pessoais; e c) as instituições e comunidades. O primeiro, de modo geral, remete aos estudos acerca das experiências do passado, como também àqueles que enfatizam as expectativas e esperanças das pessoas em relação ao futuro. O segundo pilar, por sua vez, focaliza aquelas pesquisas voltadas para espiritualidade, talento, sabedoria, isto é, atributos intraindividuais. E finalmente, o nível grupal envolve estudos sobre as virtudes que se apresentam coletivamente ou interindividualmente, portanto podem ser citados trabalhos sobre altruísmo, responsabilidade, tolerância e ética nas relações.

Diante dessa discussão, torna-se evidente a força e emergência do movimento positivo. Dentre as contribuições mais relevantes dessa área, destacam-se a construção e validação de instrumentos de avaliação, além do desenvolvimento de modelos de intervenção.²⁶ Logo, os pesquisadores em psicologia positiva buscam “criar métodos preventivos através do conhecimento de fatores protetivos”, uma vez que focam na prevenção, reconhecimento e fortalecimento dos aspectos saudáveis; pretendem otimizar as técnicas de avaliação psicológica a fim de melhor identificar as dimensões positivas, bem como visam ampliar as possibilidades de estudo nas ciências humanas e sociais.²⁷

²⁴ SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000.

²⁵ SELIGMAN, M. E. P. Foreword: The past and future of positive psychology. In: KEYES, C. L. M.; HAIDT, J. (Eds.). **Flourishing: Positive psychology and the life well-lived**. Washington DC: American Psychological Association, 2003. p. 11-20.

²⁶ SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In: SNYDER, C.R.; LOPEZ, S. J. (Eds.). **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-9.

²⁷ PALUDO; KOLLER, 2007.

Paludo e Koller colocam que o homem é atravessado por experiências sociais e culturais, desta maneira, seu desenvolvimento é motivado e definido também por essas questões, e que vínculos e relações sociais saudáveis são capazes de promover bem-estar físico e psicológico. É através dessa lógica que se advoga que as relações sociais favorecem a felicidade na vida das pessoas²⁸, defende-se que as atividades voluntárias são importantes para o desenvolvimento²⁹, e considera-se que as relações familiares positivas têm efeito sobre o “florescimento de talentos”³⁰.

Considerando esses avanços, é válido concluir que o interesse por estudar aquilo que faz do homem um ser virtuoso tem aumentado nos últimos anos no Brasil e no mundo. Trata-se, portanto, de uma mudança gradual na forma de compreender os indivíduos e suas relações. A psicologia positiva tem, pois, oferecido grandes contribuições à ciência psicológica, dado que a comunidade acadêmica, em geral, tem concordado com o novo paradigma da saúde, entendendo que focar nos aspectos salutogênicos dos indivíduos, das instituições e dos grupos pode se mostrar tanto ou mais promissor do que manter a hegemônica visão negativa e psicopatológica.

Além da felicidade³¹, atualmente é possível elencar uma série de construtos que se situam no campo da psicologia positiva. Logo, como fora mencionado anteriormente, diversos autores têm procurado investigar os indicadores centrais do pleno funcionamento humano a fim de elaborar intervenções que possibilitem auxiliar os indivíduos a exercerem melhor suas capacidades^{32,33}. Dentre os principais construtos explorados estão a resiliência³⁴, o altruísmo³⁵, a empatia³⁶, o otimismo³⁷, a esperança³⁸, o bem-estar subjetivo³⁹, a autoestima⁴⁰, a satisfação com

²⁸ MYERS, D. G. The funds, friends, and faith of happy people. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 56-67, 2000.

²⁹ LARSON, R. Toward a psychology of positive youth development. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 170-183, 2000.

³⁰ WINNER, E. The origins and ends of giftedness. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 159-169, 2000.

³¹ LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, p. 137-155, 1999.

³² ODOU, N.; VELLA-BRODRICK, D. A. The efficacy of Positive Psychology interventions to increase well-being and the role of mental imagery ability. **Social Indicators Research**, v. 110, p. 111-129, 2013.

³³ RASHID, T. Positive interventions in clinical practice. **Journal of Clinical Psychology**, v. 65, n. 5, p. 461-466, 2009.

³⁴ WERNER, E. E. What can we learn about resilience from large-scale longitudinal studies? In: GOLDSTEIN, S.; BROOKS, R. B. (Eds.), **Handbook of Resilience in Children** (2 ed.), New York: Springer, 2013.

³⁵ LENCASTRE, M. P. A. Bondade, Altruísmo e Cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. **Revista Lusófona de Educação**, v. 15, p. 113-124, 2010.

³⁶ FALCONE, E. M. O. et al. Inventário de Empatia (IE): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 321-334, 2008.

³⁷ CARVER, C. S.; SCHEIER, M. F.; SEGERSTROM, S. C. Optimism. **Clinical Psychology Review**, v. 30, n. 7, p. 879-889, 2010.

³⁸ SNYDER, C. R.; RAND, K. L.; SIGMON, D. R. Hope theory: A member of the positive psychology family. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.), **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 257-276.

³⁹ DIENER, E. The remarkable changes in the science of subjective well-being. **Perspectives on Psychological Science**, v. 8, n. 6, p. 663-666, 2013.

a vida⁴¹, o *coping*⁴², o crescimento pós-traumático⁴³, o perdão⁴⁴, a positividade⁴⁵, e a gratidão⁴⁶, todos estes aprofundados nesta abordagem.

Na trilha destas iniciativas, em maior parte indicativos de “vida saudável⁴⁷”, destaca-se a gratidão como uma das variáveis de interesse no presente trabalho. Portanto, a seguir será explanado de maneira mais detalhada o histórico dos estudos sobre gratidão, os principais teóricos e contribuições na área, assim como algumas de suas medidas e correlatos.

1.2 Gratidão

1.2.1 Aspectos históricos e conceituais

A definição de gratidão vem sendo aperfeiçoada desde as primeiras elaborações de Adam Smith (1759/1966) que a conceituava como uma emoção que provocava a necessidade de retribuir ou recompensar⁴⁸. No entanto, esse construto possui um histórico científico recente, tendo recebido atenção sistemática dos pesquisadores apenas nas últimas décadas, apesar de ser amplamente discutido por filósofos e orientar doutrinas religiosas em todo o mundo.⁴⁹ Embora tenha sido definida de diferentes maneiras⁵⁰, tais como uma virtude moral, afeto moral,

⁴⁰ ROSENBERG, M. **Society and the Adolescent Self-image**. Princeton, Princeton University Press, 1965.

⁴¹ DIENER, E. et al. The satisfaction with life scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 49, p. 71-75, 1985.

⁴² ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. **O conceito de coping: uma revisão teórica**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.

⁴³ RESENDE, C.; SENDAS, S.; MAIA, Â. Estudo das características psicométricas do Posttraumatic Growth Inventory – PTGI – (Inventário de Crescimento Pós-Traumático) para a população portuguesa. In: NORONHA, A.; MACHADO, C.; ALMEIDA, L.; GONÇALVES, M.; MARTINS, S.; RAMALHO, V. (Eds.), **XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e contextos**. Braga, Portugal: Psiquilibrios Edições, 2008. p. 1-16.

⁴⁴ OLIVEIRA, J. H. B. Perdão e felicidade: uma abordagem intercultural. **Intercultural**, v. 7, n. 2, p. 283-312, 2003.

⁴⁵ JAYAWICKREME, E.; PAWELSKI, J. O. Positivity and the capabilities approach. **Philosophical Psychology**, 2012.

⁴⁶ FREITAS, L. B. L.; SILVEIRA, P. G.; PIETA, M. A. M. Sentimento de gratidão em crianças de 5 a 12 anos. **Psicologia em estudo**, v. 14, p. 243-250, 2009.

⁴⁷ MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.

⁴⁸ PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H.. Gratidão em contextos de risco: uma relação possível?. **Revista Psicodébate Psicologia, Cultura y Sociedad**, v. 7, p. 55-66, 2006.

⁴⁹ NELSON, S. K.; LYUBOMIRSKY, S. Gratitude. In: Friedman, H. S. (Ed.), **Encyclopedia of Mental Health**. Waltham, MA: Academic Press, 2016. p. 277-280.

⁵⁰ PALUDO, S. S. **Emoções morais e gratidão: uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social**. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

característica afetiva, estado de espírito, emoção empática, resposta cognitivo-afetiva etc., concorda-se com concebê-la como uma emoção, um atributo afetivo de reconhecimento e benevolência de si para o outro, sendo denominada disposição à gratidão^{51,52}.

Não obstante, é preciso ressaltar que alguns teóricos⁵³ a consideram como um traço de personalidade de segunda ordem, sendo os fatores de primeira ordem: a) as diferenças individuais na experiência de gratidão; b) a valorização das outras pessoas; c) o foco sobre o que a pessoa possui; d) comportamentos que expressam a gratidão; e) a apreciação do positivo; e f) as comparações sociais positivas. Esses pontos incorporam a dimensão geral da gratidão na medida em que representam a orientação para apreciar os aspectos positivos da vida. Do mesmo modo, de acordo com McCullough et al., a gratidão assume uma natureza pró-social, pois pode estar enraizada nos traços básicos que direcionam as pessoas para a sensibilidade e preocupação com os outros.

A gratidão é conceituada por Snyder e Lopez⁵⁴ como um dos traços virtuosos da personalidade, modelo que engloba também as dimensões altruísmo e disposição para perdoar. Assim, tem-se proposto que ela é essencial para o desenvolvimento de comportamentos sociais e o favorecimento de laços interpessoais mais harmônicos. Além disso, o ato de ser grato é apresentado por Paludo e Koller⁵⁵ como facilitador de habilidades relacionadas à lealdade e cuidado, o que reduz os afetos negativos e fortalece a confiança nas relações.

Historicamente, ao traçar uma linha do tempo sobre os estudos teóricos acerca da gratidão, observa-se que a mesma já foi compreendida como criadora de vínculo entre pessoas, ocasionando coesão social⁵⁶; como memória moral da humanidade⁵⁷; como motivo pelo qual existe uma orientação pró-social nas relações

⁵¹ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

⁵² RIBEIRO, M. G. C. **Questionário de Gratidão (QG-6)**: evidências de validade e consistência interna. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

⁵³ WOOD, A. M.; FROH, J. J.; GERAGHTY, A. W. A. Gratitude and well-being: A review and theoretical integration. **Clinical psychology review**, v. 30, n. 7, p. 890-905, 2010.

⁵⁴ SNYDER; LOPEZ, 2009.

⁵⁵ PALUDO; KOLLER, 2006.

⁵⁶ BAUMGARTEN-TRAMER, F. "Gratefulness" in children and young people. **Journal of Genetic Psychology**, v. 53, p. 53-66, 1938.

⁵⁷ SIMMEL, G. **The sociology of Georg Simmel**. Glencoe, IL: Free Press, 1950.

estabelecidas socialmente⁵⁸; como consequência de adaptações evolutivas das respostas frente à ajuda recebida⁵⁹; como uma função primordialmente social⁶⁰ como fomentador e mantenedor de relacionamentos, atuando a partir do princípio da reciprocidade mútua, o que promove o equilíbrio social⁶¹, entre outras conceituações. Diante das postulações dos autores, é possível perceber que o fator da reciprocidade tem sido fundamental ao entendimento da gratidão nos últimos anos, como também que as expressões da gratidão à nível social são significativas, uma vez que implicam em algo pessoal, mas que impacta diretamente o coletivo.

Em parte, a gratidão é um sentimento que ocorre após pessoas receberem ajuda, sendo esta percebida como valiosa e altruísta⁶², logo, vários estudos a estabelecem como uma emoção que está voltada para a valorização das ações de outrem. Reconhecer e atribuir um valor positivo a uma ação benevolente de outra pessoa são por vezes, considerados condições *sine qua non* à gratidão^{63,64,65,66,67}, no entanto, essa concepção parece não envolver por completo o significado desse construto.

Em estudo de 2003, Emmons e McCullough⁶⁸ solicitaram que os participantes escrevessem uma lista diária de situações pelas quais sentiam-se gratos, e dentre estas constou “acordar de manhã”, evento que não implica a presença de outra pessoa. Na mesma direção, Graham e Barker⁶⁹ submeteram participantes a assistirem a vídeos onde uma criança conclui com sucesso uma tarefa. No estudo

⁵⁸ SCHWARTZ, B. The social psychology of the gift. **American Journal of Sociology**, v. 73, p. 1-11, 1967.

⁵⁹ TRIVERS, R. L. The evolution of reciprocal altruism. **Quarterly Review of Biology**, v. 46, p. 35-57, 1971.

⁶⁰ MCCULLOUGH, M. E.; KILPATRICK, S. D.; EMMONS, R. A.; LARSON, D. B. Is gratitude a moral affect?. **Psychological Bulletin**, v. 127, p. 249-266, 2001.

⁶¹ ALGOE, S. B.; HAIDT, J.; GABLE, S. L. Beyond reciprocity: Gratitude and relationships in everyday life. **Emotion**, v. 8, n. 3, p. 425-429, 2008.

⁶² WOOD, A. M.; JOSEPH, S.; MALTBY, J. Gratitude uniquely predicts satisfaction with life: Incremental validity above the domains and facets of the five factor model. **Personality and Individual Differences**, v. 45, p. 49-54, 2008.

⁶³ CASTRO, F. M. P. et al. Deve-se retribuir? Gratidão e dívida simbólica na infância. **Estudos de Psicologia**, v. 16, p. 77-82, 2011.

⁶⁴ FREDRICKSON, B. L. Positive emotions broaden and build. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 47, p. 1-53, 2013.

⁶⁵ FREITAS; SILVEIRA; PIETA, 2009.

⁶⁶ MCCULLOUGH, M. E. Savoring life, past and present: explaining what hope and gratitude share in common. **Psychological inquiry**, v. 13, p. 302-304, 2002.

⁶⁷ TSANG, J. The effects of helper intention on gratitude and indebtedness. **Motivation and Emotion**, v. 30, n. 3, p. 198-204, 2006.

⁶⁸ EMMONS; MCCULLOUGH, 2003.

⁶⁹ GRAHAM, S.; BARKER, G. P. The down side of help: An attributional developmental analysis of helping behavior as low-ability cue. **Journal of Educational Psychology**, v. 82, p. 7-14, 1990.

experimental, os sujeitos ou viam a criança do vídeo sendo ajudada por um professor, ou a viam trabalhando sozinha na tarefa. Embora achassem que a criança se sentiria mais grata quando ajudada, os participantes também pensaram que ela sentiria um pouco de gratidão quando atuava de forma independente. Dessa maneira, Wood et al.⁷⁰ defendem que a gratidão pode surgir devido às ações de outra pessoa, bem como a partir de um ambiente em que se é possível lograr êxito.

Cabe destacar a defesa de McCullough et al.⁷¹ quando esclarecem que gratidão e obrigação não são correspondentes. A gratidão está relacionada ao bem-estar, à agradabilidade, enquanto a obrigação é experienciada com desprazer, podendo gerar mal-estar e constrangimento aos indivíduos. Tsang⁷² acrescenta ainda que a gratidão é sentida de forma mais nítida quando os indivíduos recebem um favor e este é (1) valorizado pelo destinatário, (2) oneroso para o benfeitor, (3) praticado a partir de intenções benevolentes, e (4) feito gratuita e voluntariamente.

Nesse seguimento, Paludo e Koller⁷³ colocam que, por ser reconhecida como uma virtude, sobretudo pela filosofia moral e pela teologia, a gratidão remete a bons hábitos, que, por sua vez, referem-se a um bom caráter pessoal. Emmons e McCullough⁷⁴ afirmam que é no âmbito das religiões onde esse construto se insere com maior ênfase, estando presente em textos sagrados, orações e preceitos, sendo considerada, nessa abordagem, como um estado permanente de agradecimento. Portanto, a gratidão é vista como um traço psicológico positivo por excelência, podendo ser comparada, antagonicamente, com as concepções de depressão em uma visão negativa do mundo e do futuro⁷⁵.

A gratidão é, para Seligman e seus colaboradores⁷⁶, uma das fontes características da virtude autotranscendência, juntamente com a religiosidade, a esperança, o humor e a admiração do belo e da própria existência. Sendo assim, este traço é um aspecto desejável na personalidade humana e na orientação social, pois diz respeito a um estado psicológico onde a pessoa aprecia a experiência

⁷⁰ WOOD; FROH; GERAGHTY, 2010.

⁷¹ MCCULLOUGH et al., 2001.

⁷² TSANG, 2006.

⁷³ PALUDO; KOLLER, 2006.

⁷⁴ EMMONS; MCCULLOUGH, 2003.

⁷⁵ BECK, A. T. **Cognitive therapy and the emotional disorders**. Oxford, England: International Universities Press, 1976.

⁷⁶ SELIGMAN, M. E. P.; STEEN, T. A.; PARK, N.; PETERSON, C. Positive Psychology progress: Empirical validation of intervention. **American Psychologist**, v. 60, n. 5, p. 410-421, 2005.

humana⁷⁷. Por estar intimamente associada a emoções positivas, a gratidão promove maiores índices de otimismo, vitalidade, bem-estar e motivação intrínseca, contribuindo para uma incidência menor de sintomas físicos e afetos negativos, sendo então favorável para as dimensões física e emocional⁷⁸.

Alguns estudos empíricos têm demonstrado evidências interessantes acerca da gratidão. O estudo de Pieta⁷⁹, por exemplo, comprovou que a expressão da gratidão se dá de diferentes maneiras a considerar as etapas do desenvolvimento humano. Este achado vai ao encontro daquele apresentado por Baumgarten-Tramer⁸⁰ há mais de setenta anos, corroborando a hipótese de que a gratidão se desenvolve durante a infância e a adolescência. Outra evidência significativa é proveniente das contribuições de Tsang e McCullough⁸¹ sobre a natureza do benfeitor (por exemplo, se amigo ou desconhecido). Os resultados deste estudo apontam que o tipo de benfeitor pode influenciar o sentimento de gratidão, de modo que, quando a ação benevolente é exercida por alguém próximo ao favorecido, isto é, familiar ou amigo, a gratidão é menor do que quando o ato é praticado por um desconhecido, alguém de quem não se nutria expectativa para tal atitude.

Semelhante ao que foi tecido anteriormente em relação à gratidão, a seguir serão apresentados estudos diversos visando compreender seus correlatos, o que pode auxiliar para um entendimento mais apurado deste construto.

1.2.2 Correlatos da Gratidão

A gratidão tem sido uma temática cada vez mais investigada, ganhando espaço nas áreas da Psicologia, Teologia e Filosofia, sobretudo devido a iminência dos estudos em Psicologia Positiva. Nesse sentido, faz-se importante buscar compreender como e por que esta característica se apresenta nos indivíduos, bem como se relaciona com outros construtos, a exemplo da personalidade, satisfação com a vida, perdão, bem-estar, religiosidade, entre outros.

⁷⁷ EMMONS, 2004.

⁷⁸ PALUDO; KOLLER, 2006.

⁷⁹ PIETA, M. A. M. **A expressão do sentimento de gratidão**: um estudo com crianças e adolescentes escolares de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre/RS, 2009.

⁸⁰ BAUMGARTEN-TRAMER, 1938.

⁸¹ TSANG, J. A.; MCCULLOUGH, M. C. Annotated bibliography of psychological research on gratitude. In: EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. (Eds.), **The psychology of gratitude**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 291-341.

Nos últimos anos, no campo da personalidade, a abordagem dos traços⁸² tem se sobressaído em relação a outras (psicodinâmica, cognitivista, humanista), conseguindo, assim, uma maior aceitação acadêmica e científica. O modelo dos traços recebeu o nome de *Big Five*, ou modelo dos cinco grandes fatores, em razão de que estabelece que a personalidade é constituída em termos de cinco dimensões, sendo elas: abertura à mudança, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo.

A princípio, em relação à gratidão, alguns estudos afirmam que se correlaciona positivamente com as facetas da amabilidade, extroversão e abertura à mudança; e por outro lado, assume uma relação negativa com o neuroticismo, sendo os traços do *Big Five* capazes de explicar entre 21 e 28% da variância no que diz respeito à gratidão^{83,84}. Os referidos estudos discutem este achado, trazendo que a relação positiva entre gratidão e traços de personalidade inclui, além das dimensões anteriormente mencionadas, a conscienciosidade. Torna-se claro, portanto, que a gratidão se relaciona de maneira distinta com os diferentes domínios dos *Big Five*, evidenciando um padrão de relação entre esse construto e os aspectos ligados ao bem-estar e a vida social.

A gratidão apresenta correlação com as facetas, raiva, hostilidade, depressão e vulnerabilidade, aspectos que compõem a dimensão neuroticismo. Em relação à extroversão, as facetas ligadas a acolhimento, assertividade, atividade e emoções positivas apresentaram correlação com a gratidão⁸⁵. No que tange a amabilidade, a gratidão se relacionou positivamente com altruísmo, confiança, franqueza, sensibilidade e abertura de espírito, que são aspectos pró-sociais. As facetas da conscienciosidade que se relacionaram com a gratidão, por sua vez, foram as de competência, senso de dever e realização de esforço, questões mais voltadas para o funcionamento social⁸⁶.

⁸² MCCRAE, R. R.; JOHN, O. P. An introduction to the five-factor model and its applications. **Journal of Personality**, v. 60, n. 2, p. 175-215, 1992.

⁸³ WOOD; JOSEPH; MALTBY, 2008.

⁸⁴ MCCULLOUGH, M. E.; TSANG, J.; EMMONS, R. A. Gratitude in intermediate affective terrain: links of grateful moods to individual differences and daily emotional experience. **Journal of Personality and Social Psychology**, 2004

⁸⁵ COSTA, P. T. J.; MCCRAE, R. R. Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. **Journal of Personality Assessment**, v. 64, p. 21-50, 1995.

⁸⁶ WOOD; JOSEPH; MALTBY, 2008.

Os estudos realizados por McCulloughn, Tsang e Emmons⁸⁷ ofereceram contribuições de destaque dentro dessa temática, pois estes autores construíram e validaram o instrumento *Questionário de Gratidão (QG-6)*, além de que verificaram os correlatos da gratidão, relacionando-a com construtos como satisfação com a vida, vitalidade, felicidade, otimismo, espiritualidade transcendente, ansiedade e depressão. Em estudo de 2004, estes autores contaram com uma amostra específica de 96 pacientes com doença neuromuscular, e demonstraram que pessoas com altas pontuações em medidas de emoções positivas, obtiveram também altas pontuações na medida de gratidão.

As correlações foram positivas com os construtos satisfação com a vida, vitalidade, felicidade, otimismo, esperança e espiritualidade transcendente, onde o valor de r variou entre 0,46 e 0,67 e $p < 0,05$. Por outro lado, ansiedade e depressão se correlacionaram negativamente com a gratidão, sendo os valores das correlações -0,20 e -0,30, respectivamente, considerando $p < 0,05$.

Em relação à satisfação com a vida e às emoções positivas, estudos têm mostrado que estes construtos guardam relação com a gratidão; as duas variáveis se mostram conectadas, visto que a gratidão é valorada positivamente e a maior experiência com emoções positivas está relacionada com a satisfação com a vida^{88,89,90,91,92}. Dessa maneira, Watkins ainda vem afirmar que os sentimentos regulares de gratidão fazem com que as pessoas se habituem menos ao positivo e, assim, permitam uma maior satisfação com a vida a longo prazo. Em estudo realizado em 2008, Wood, Joseph e Maltby encontraram resultados que corroboraram achados anteriores, como os de Wood, Joseph, Linley⁹³, afirmando que a gratidão e a satisfação com a vida se correlacionam positivamente ($r = 0,45$, $p < 0,05$).

Além das evidências empíricas abordadas anteriormente, outros achados mostram que a gratidão apresenta relação com o perdão, ressaltando que, apesar

⁸⁷ MCCULLOUGH; TSANG; EMMONS, 2004.

⁸⁸ BONO, G.; EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. Gratitude in practice and the practice of gratitude. **Positive psychology in practice**, p. 464-481, 2004.

⁸⁹ EMMONS; CRUMPLER, 2000.

⁹⁰ LYUBOMIRSKY, S.; SHELDON, K. M.; SCHKADE, D. Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. **Review of general psychology**, 2005.

⁹¹ WATKINS, P. C. Gratitude and Subjective Well-Being. **The psychology of gratitude**, 2004.

⁹² WOOD, A. M.; JOSEPH, S.; LINLEY, P. A. Coping style as a psychological resource of grateful people. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 26, n. 9, p. 1076-1093, 2007.

⁹³ WOOD; JOSEPH; LINLEY, 2007.

das diferenças, ambos compartilham o fundamental componente da empatia, isto é, esses dois construtos estão baseados em empatia pró-social^{94,95,96,97}, associando-se à saúde física e psicológica. Além disso, diversos dados mostram que a gratidão e o perdão se correlacionam com comportamentos pró-sociais^{98,99} e aspectos da psicologia positiva, como avaliações otimistas da vida, memória positiva, satisfação com o relacionamento¹⁰⁰, benefícios da saúde física^{101,102} e bem-estar^{103,104,105,106}.

McCullough, Emmons e Tsang¹⁰⁷ em seus estudos destacam que pessoas gratas são menos propensas a guardar rancor depois de terem sido feridas por outros sujeitos, logo, abandonar o sentimento de raiva se mostra fundamental para o perdão^{108,109}. Dessa maneira, é importante ressaltar que se espera que o perdão e a gratidão se correlacionem positivamente com processos psicológicos positivos, como a empatia e, assim, cabe levar em conta alguns achados que mostram que a gratidão se relacionou positivamente com os aspectos cognitivos e afetivos da empatia¹¹⁰.

As evidências apontam que pessoas que apresentam maiores níveis de gratidão e perdão tendem a relatar menos raiva e sentimentos subjetivos de solidão, assim como menores índices de sintomas depressivos. É comum que estas também

⁹⁴ FARROW, T. F. D. et al. Investigating the functional anatomy of empathy and forgiveness. **Neuroreport**, v. 12, n. 11, p. 2433-2438, 2001.

⁹⁵ LAZARUS, R. S. **Emotion and adaptation**. New York: Oxford University Press, 1991.

⁹⁶ MACASKILL, A.; MALTBY, J.; DAY, L. Forgiveness of self and others and emotional empathy. **The Journal of Social Psychology**, v. 142, n. 5, p. 663-665, 2002.

⁹⁷ MCCULLOUGH, M. E. et al. Is gratitude a moral affect?. **Psychological Bulletin**, 2001.

⁹⁸ BARTLETT, M. Y.; DESTENO, D. Gratitude and prosocial behavior helping when it costs you. **Psychological Science**, v. 17, n. 4, p. 319-325, 2006.

⁹⁹ MCCULLOUGH, M. E. Forgiveness as human strength: Theory, measurement, and links to well-being. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 19, 2000.

¹⁰⁰ FINCHAM, F. D.; PALEARI, F.; REGALIA, C. Forgiveness in marriage: The role of relationship quality, attributions, and empathy. **Personal Relationships**, v. 9, p. 27-37, 2002.

¹⁰¹ MCCRATY, R., et al. The effects of emotion on short term heart rate variability using power spectrum analysis. **American Journal of Cardiology**, v. 76, n. 14, p. 1089-1093, 1995.

¹⁰² WORTHINGTON, E. L.; SCHERER, M. Forgiveness is an emotion-focused coping strategy that can reduce health risks and promote health resilience: Theory, review, and hypotheses. **Psychology & Health**, v. 19, n. 3, p. 385-405, 2004.

¹⁰³ BONO, G.; MCCULLOUGH, M. E.; ROOT, L. M. Forgiveness, feeling connected to others, and well-being: Two longitudinal studies. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 34, n. 2, p. 182-195, 2008.

¹⁰⁴ KARREMANS, J. C. et al. When forgiving enhances psychological well-being: the role of interpersonal commitment. **Journal of Personality and Social Psychology**, 2003.

¹⁰⁵ MALTBY, J.; DAY, L.; BARBER, L. Forgiveness and happiness. The differing contexts of forgiveness using the distinction between hedonic and eudaimonic happiness. **Journal of Happiness Studies**, v. 6, p. 1-13, 2005.

¹⁰⁶ TOUSSAINT, L.; FRIEDMAN, P. Forgiveness, gratitude, and well-being: the mediating role of affect and beliefs. **Journal of Happiness Studies**, v. 10, n. 6, p. 635-654, 2009.

¹⁰⁷ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

¹⁰⁸ BERRY, J. W. et al. Forgiveness, vengeful rumination, and affective traits. **Journal of Personality**, v. 73, p. 183-226, 2005.

¹⁰⁹ BREEN, W. E. et al. Gratitude and forgiveness: Convergence and divergence on self-report and informant ratings. **Personality and Individual Differences**, v. 49, n. 8, p. 932-937, 2010.

¹¹⁰ BROWN, R. P. Measuring individual differences in the tendency to forgive: Construct validity and links with depression. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 29, n. 6, p. 759-771, 2003.

relatem maior aceitação, empatia e autocompaixão. Em estudo recente desenvolvido por Breen e seus colaboradores¹¹¹, os resultados mostram que a relação entre gratidão e perdão influenciou em outras correlações. O efeito mais notável está na gratidão, visto que, ao manipular estatisticamente a variável perdão, a relação entre a gratidão e o neuroticismo, antes significativa ($r = -0,27$), deixou de ser, assumindo um valor de $r = -0,10$.

Outro exemplo trazido nesse estudo foi a relação da gratidão com a raiva, em que a relação entre essas duas variáveis foi significativa ($r = -0,29$) e, após a manipulação da variável perdão, essa correlação deixou de ser tida como significativa ($r = -0,13$). Esses achados só reforçam a importância da relação entre a gratidão e a disposição para perdoar, enfatizando a influência que uma pode exercer sobre a outra.

Tendo em conta o que fora evidenciado até aqui, a seguir pretende-se apresentar as principais medidas empregadas na avaliação da gratidão.

1.2.3 Mensuração da Gratidão

Diversos instrumentos foram construídos a fim de mensurar a gratidão, dentre eles cabe destacar alguns que têm ganhado notoriedade no cenário internacional: *Escala de Gratitud*¹¹² (EG; 18 itens), *Gratitude Questionnaire*¹¹³ (QG-6; 6 itens), *The Gratitude Resentment and Appreciation Scale*¹¹⁴ (GRAT; 44 itens), *The Transpersonal Gratitude Scale*¹¹⁵ (TGS; 16 itens) e o *El Cuestionario de Gratitud – 20 ítems*¹¹⁶ (G-20).

Alarcón¹¹⁷ construiu a *Escala de Gratitud*, criada para medir a gratidão a partir de uma definição teórica. Dessa maneira, trata-se de uma escala de autorrelato do tipo Likert, com cinco alternativas: discordo totalmente, discordo, não concordo nem

¹¹¹ BREEN et al., 2010.

¹¹² ALARCÓN, R. Construcción y Valores Psicométricos de una Escala Para Medir la Gratitud. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 4, n. 2, p. 1520-1534, 2014.

¹¹³ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

¹¹⁴ WATKINS, P. C. et al. Gratitude and happiness: Development of a measure of gratitude, and relationships with subjective well-being. **Social Behavior and Personality: An International Journal**, v. 31, n. 5, p. 431-451, 2003.

¹¹⁵ HLAVA, P.; ELFERS, J.; OFFRINGA, R. A transcendent view of gratitude: The transpersonal gratitude scale. **International Journal of Transpersonal Studies**, v. 33, p. 1-14, 2014.

¹¹⁶ BERNABÉ-VALERO, G.; GARCÍA-ALANDETE, J.; GALLEGÓ-PÉREZ, J. F. Construcción de un cuestionario para la evaluación de la gratitud: el Cuestionario de Gratitud-20 ítems (G-20). **Anales de Psicología**, v. 30, p. 278-286, 2014.

¹¹⁷ ALARCÓN, 2014.

discordo, concordo e concordo totalmente. Participaram desse estudo 675 participantes, com idades variando de 18 a 60 anos ($M = 32,5$).

A medida apresentou boa validade fatorial ($KMO = 0,930$; $\chi^2 = 5370,27$; gl. 153; sig..000), o que permitiu que a análise fatorial pudesse prosseguir. Tal escala, então, foi composta por 18 itens distribuídos em três fatores que, juntos, foram capazes de explicar 55,2% da variância total. O fator 1 é composto por nove itens e foi nomeado de *reciprocidade*, que significa um estado emocional de agradabilidade e satisfação muito intensa ao responder, de alguma forma, à pessoa que fez um favor. O fator 2 é formado por sete itens e foi intitulado *obrigação moral*; nesse ponto de vista, a gratidão está regrada por normas sociais que regem uma cultura, sem se tratar de normas que estão formalmente escritas. O terceiro fator, por último, é composto por apenas dois itens e foi chamado de *qualidade sentimental*, que ressalta os afetos positivos da gratidão e vem afirmar que a mesma não é uma dívida, mas uma experiência emocional prazerosa e que se manifesta através de várias expressões culturais que envolvem a ação moral de dar.

Outra medida amplamente reconhecida foi proposta por McCullough e seus colaboradores¹¹⁸, sendo denominada de *Gratitude Questionnaire* (QG-6). Trata-se de uma medida de autorrelato criada para avaliar a disposição das pessoas à gratidão durante o dia a dia. Dessa maneira, o instrumento foi elaborado inicialmente com 39 itens, e constavam frases acerca das experiências e expressões da gratidão, em uma escala do tipo Likert de 7 pontos, variando de discordo fortemente a concordo fortemente. A partir das análises exploratórias, constatou-se que a medida foi capaz de explicar 27% da variância, além de que sua validade foi confirmada a partir da análise confirmatória (índices de bondade de ajuste, $\chi^2/g.l. = 9$, $CFI = 0,94$ e $SRMR = 0,04$). O estudo foi desenvolvido contando com a participação de 238 sujeitos, com idades variando de 19 a 44 anos ($M = 21$).

Os itens desta medida foram divididos em quatro fatores. O primeiro fator foi nomeado *intensidade* e diz respeito ao sujeito que se sente intensamente mais agradecido ao experimentar um evento positivo. O segundo fator foi denominado de *frequência*, entendido como descrição do que a pessoa sente ao agradecer várias vezes ao dia, mesmo que seja um simples favor. O terceiro fator desta medida foi denominado de *alcance* e diz respeito à quantidade de momentos da vida do sujeito

¹¹⁸ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

em que se sente grato em determinado momento. A última faceta é chamada de *densidade* e concerne acerca do número de sujeitos pelo qual se sente grato ao conseguir um resultado positivo, onde os indivíduos mais gratos apresentam uma relação com um maior número de pessoas para agradecer¹¹⁹. Este estudo ganha destaque no presente trabalho, visto que a mesma foi utilizada para realização do estudo empírico aqui desenvolvido. Tal escolha se deu devido a boa adequabilidade psicométrica da escala, previamente adaptada em diversos países, tais como Taiwan¹²⁰, Turquia¹²¹, Holanda¹²², Chile¹²³ e mais recentemente no Brasil por Ribeiro¹²⁴, tendo se mostrado satisfatória nesses diferentes contextos.

Buscando reunir evidências de validade e precisão do *Gratitude Questionnaire* (GQ-6) no cenário brasileiro, Ribeiro realizou dois estudos. O estudo 1 contou com a participação de 226 estudantes universitários com idade média de 23,7 anos ($DP = 7,25$) e teve como objetivo conhecer a estrutura fatorial da escala em questão. Os resultados de uma análise de componentes principais indicaram uma estrutura unifatorial (valor próprio de 3,30), explicando 54,9% da variância total, e apresentando um índice de consistência interna (α) de 0,80. Para o estudo 2, participaram 248 estudantes universitários com idade média de 23,8 anos ($DP = 7,90$), os quais responderam a escala adaptada e questões de ordem sociodemográfica. Uma análise fatorial confirmatória (estimador ML) corroborou a estrutura unifatorial, $\chi^2/gf = 3,08$, $GFI = 0,97$, $AGFI = 0,92$; $CFI = 0,95$ e $RMSA = 0,093$ ($IC90\% = 0,052-0,135$), obtendo alfa de Cronbach satisfatório ($\alpha = 0,75$). Portanto, o GQ-6 é uma medida psicométrica que pode ser empregada em estudos futuros.

Bernabé-Valero e seus colaboradores¹²⁵ construíram outra escala de gratidão, denominada de *El Cuestionario de Gritud – 20 ítems*, que consiste em uma medida de autorrelato composta por 20 itens, sendo a escala do tipo Likert, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo Totalmente). Tal medida, inicialmente, era

¹¹⁹ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

¹²⁰ CHEN, L. H., et al. Validation of the Gratitude Questionnaire (GQ) in Taiwanese undergraduate students. **Journal of happiness Studies**, v. 10, p. 655-664, 2009.

¹²¹ YÜKSEL, A.; OGUZ DURAN, N. Turkish Adaptation of the Gratitude Questionnaire. **Eurasian Journal of Educational Research**, v. 46, p. 199-215, 2012.

¹²² JANS-BEKEN, L. et al. Measuring Gratitude: A Comparative Validation of the Dutch Gratitude Questionnaire (GQ6) and Short Gratitude, Resentment, and Appreciation Test (SGRAT). **Psychologica Belgica**, v. 55, p. 19-31, 2015.

¹²³ LANGER, Á. I. et al. Validation of a Spanish translation of the Gratitude Questionnaire (GQ-6) with a Chilean sample of adults and high schoolers. **Health and quality of life outcomes**, v. 14, p. 1-19, 2016.

¹²⁴ RIBEIRO, 2016.

¹²⁵ BERNABÉ-VALERO; GARCÍA-ALANDETE; GALLEGÓ-PÉREZ, 2014.

composta por 50 itens, porém, após o processo de redução, a solução final assumiu 20 itens. Tal estudo foi realizado com uma amostra de estudantes de 330 sujeitos, com idades variando de 18 a 43 anos ($M = 23,33$). A medida apresentou boa validade fatorial ($KMO = .845$; $\chi^2(190) = 2186.95$, $p < .001$), o que permitiu a realização da análise fatorial. A estrutura fatorial indicou que a escala é formada por quatro fatores que, juntos, foram capazes de explicar 56,36% da variância total.

O primeiro fator foi denominado *gratidão interpessoal*, que diz respeito a gratidão que se experimenta quando se recebe um benefício, seja ele grande ou pequeno. O fator 2 foi chamado de *gratidão diante do sofrimento* e está relacionado a integração da gratidão e do sofrimento, buscando medir o quanto as pessoas valorizam as situações de sofrimento como benéficas de alguma maneira, e a capacidade de agradecer apesar das adversidades. O terceiro fator foi intitulado *reconhecimento dos dons*, tratando acerca da tomada de consciência dos aspectos positivos da existência – considerados como dons –, atribuindo-os a um aspecto transpessoal. O último fator chama-se *expressão da gratidão* e versa acerca da experiência e expressão da gratidão diante das forças transpessoais.

Outra importante medida de gratidão foi desenvolvida por Hlava, Elfers e Offringa¹²⁶. A escala denominada *The Transpersonal Gratitude Scale* é uma medida de autorrelato do tipo Likert, contendo 6 pontos. A escala, inicialmente, continha 110 declarações descrevendo os resultados, contexto, motivação e expressão de gratidão. Após o processo de redução da medida, esta passou a contar com 20 itens, que foram divididos em quatro fatores. O fator 1 foi nomeado *expressão da gratidão* e reflete condições e circunstâncias nas quais os sujeitos compartilham seus sentimentos de apreço pelos outros. O fator 2 foi intitulado como *valor da gratidão* e diz respeito às maneiras como os sentimentos de gratidão fazem bem aos relacionamentos. O terceiro fator foi chamado de *gratidão transcendente* e versa acerca das experiências de gratidão que vão além daquela que surge dentro de um contexto interpessoal, fazendo com que a gratidão não seja dirigida a uma pessoa específica, mas a uma conceitualização mais específica e remota. O fator 4, por fim, foi denominado *conexão espiritual* e foi definido em termos de uma consciência e conexão espiritual.

¹²⁶ HLAVA; ELFERS; OFFRINGA, 2014.

Watkins e seus colaboradores¹²⁷ também desenvolveram uma medida de gratidão, que foi chamada *The Gratitude Resentment and Appreciation Scale*. Esta, da mesma forma que as outras, trata-se de uma medida de autorrelato, do tipo Likert, com cinco pontos. Inicialmente, a escala contava com 53 itens, porém nove destes foram eliminados por apresentarem baixa correlação com a pontuação total. Dessa forma, a escala final assumiu 44 itens, divididos em três fatores: *sentido de abundância, apreciação simples, e apreciação dos outros*.

Em contexto nacional têm-se dois instrumentos para avaliação da gratidão: a *Escala de Gratidão*¹²⁸ e o *Questionário de Gratidão*, validado por Ribeiro¹²⁹. Ambos estão pautados na perspectiva teórica de McCullough¹³⁰, de modo que abordam o construto através das crenças e atitudes dos participantes.

Considerando a perspectiva dos traços de personalidade, é preciso ressaltar que até o momento não foram publicados instrumentos para mensuração da gratidão que tivessem em conta tal abordagem. No entanto, Oliveira¹³¹, em sua tese de doutoramento recém defendida, elaborou e testou uma medida para avaliar os traços virtuosos da personalidade, o que envolve os traços de perdão, gratidão e altruísmo¹³². Esta medida conta com 33 itens e foi intitulada Inventário de Personalidade Virtuosa (IPV).

Os autores que estudam a gratidão consideram que esta é uma virtude apregoada por quase todas as religiões¹³³, e, desse modo, assume uma relação significativa com a religiosidade, construto que será explorado a seguir. Nessa direção, o segundo capítulo deste trabalho tem em conta levantar aspectos históricos e conceituais sobre a religiosidade, abordando estudos teóricos relevantes, assim como enfatizando-a durante a fase da adolescência. Por conseguinte, serão abordados seus correlatos e, ao final, sua mensuração a partir de instrumentos de autorrelato elaborados em contexto nacional e internacional.

¹²⁷ WATKINS et al., 2003.

¹²⁸ PALUDO, 2008.

¹²⁹ RIBEIRO, 2016.

¹³⁰ MCCULLOUGH, 2002.

¹³¹ OLIVEIRA, I. C. V. **Medindo a Personalidade Virtuosa**: elaboração, evidências psicométricas e correlatos. Tese de Doutorado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

¹³² SNYDER; LOPEZ, 2009.

¹³³ AQUINO, T. A. A. **Atitudes e intenções de cometer suicídio**: seus correlatos existenciais e normativos. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.

2. A RELIGIOSIDADE NA ADOLESCÊNCIA

2.1 Considerações históricas e conceituais

No curso da história da humanidade, o ser humano tem buscado preencher de diferentes maneiras a necessidade de buscar sentido para sua existência. Dentre as diversas formas é possível citar a arte, a música, a ciência e a religião¹³⁴. Apesar de a disposição à religiosidade e espiritualidade atravessar épocas e culturas, apenas recentemente a ciência tem se mostrado interessada em investigar estes temas¹³⁵. É nesse sentido que a Psicologia, mesmo tendo sua consolidação atrelada a um modelo de ciência empírico-biológica¹³⁶, estuda o comportamento humano e, portanto, também está preocupada em explorar o papel da religiosidade na vivência dos indivíduos. Esta tarefa está intimamente relacionada às disciplinas que se ocupam dos estudos científicos sobre a religião, a saber: a teologia, a filosofia da religião, a ciência da religião, a psicologia da religião¹³⁷, e, mais recentemente, a psicologia positiva, que entende a religiosidade como um construto psicológico que resguarda relações com aspectos positivos, salutareis e favoráveis ao desenvolvimento dos indivíduos e dos grupos¹³⁸.

Os estudos em Psicologia da Religião lograram desenvolvimento mais rápido nos últimos 15 anos, e Emmons e Paloutzian¹³⁹ destacam que em alguns momentos da história da Psicologia esta área ficou limitada devido seu tenro estabelecimento enquanto campo científico, e, conseqüentemente, a tendência de os psicólogos investigarem os construtos apenas sob uma perspectiva metodológica positivista¹⁴⁰. Além disso, Emmons e Paloutzian ainda advogam que o desafio para estes profissionais, no século atual, está na compreensão das bases psicológicas das

¹³⁴ AQUINO, T. A. A. et al. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009.

¹³⁵ PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, p. 136-145, 2007.

¹³⁶ SELIGMAN; CSIKSZENTMIHALYI, 2000.

¹³⁷ DIERKEN, J. Teologia, ciência da religião e filosofia da religião: definindo suas relações. **Numen**, v. 12, n. 1 e 2, 2011.

¹³⁸ MARQUES, L. F. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. **Psicodebate**, v. 10, p. 135-152, 2010.

¹³⁹ EMMONS, R. A.; PALOUTZIAN, R. F. The psychology of religion. **Annu Rev Psychol**, v. 54, p. 377-402, 2003.

¹⁴⁰ FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 381-389, 2005.

crenças, experiências e comportamentos religiosos, com o objetivo de ampliar o conhecimento com vistas ao bem-estar humano¹⁴¹.

Entre os precursores desta subárea está Wundt, estudioso que devotou parte significativa de suas pesquisas à Psicologia da Religião, ressalta Belzen¹⁴², segundo o autor, Wundt considerava inadequado que os psicólogos não investissem em estudos sobre esta temática, e dizia que a questão não é que estivessem dedicando-se a investigações mais importantes, mas que estavam realizando estudos irrisórios e preliminares, e não lhes sobrava tempo para buscar conhecer “a alma” e o desenvolvimento da religiosidade a partir de novas metodologias e abordagens psicológicas.

Belzen destaca que em meados da década de 1960 os estudos eram dispersos, porém nesse período surgiram os primeiros periódicos específicos, dentre os quais o *Journal of Religion and Health*. Em alguns dos volumes que lançou sobre mitos e religiosidade, Wundt fundamentava as crenças na religião em processos emocionais, principalmente o medo¹⁴³.

Considerando o atual contexto científico e acadêmico, pode-se afirmar que a religiosidade ainda não é uma temática extensivamente discutida, apesar das significativas contribuições de autores como Antal¹⁴⁴, Massimi e Mahfoud¹⁴⁵, e Pintos¹⁴⁶.

A necessidade de produzir conhecimento científico sobre religiosidade se justifica em sua relevância no interior das sociedades humanas, contudo, mesmo que os estudos em Psicologia da Religião interessem a quase todas as áreas da Psicologia, somente a Clínica passou a incluí-los em suas teorias, e a Psicologia da Saúde em suas teorias e práticas¹⁴⁷. Em ambos os campos há um número razoável de achados que versam sobre as relações entre variáveis religiosas e enfrentamento de situações de aflição e estresse^{148,149}.

¹⁴¹ SELIGMAN, 2004.

¹⁴² BELZEN, J. A. Methodological concerns in the psychology of religion: continuities, losses and transforming perspectives. *Religion*, v. 35, p. 137-165, 2005.

¹⁴³ ÁVILA, A. **Para conhecer a psicologia da religião**. Edições Loyola, 2007.

¹⁴⁴ ANTAL, B. **Psicologia da religião**. São Paulo: Loyola, 1981

¹⁴⁵ MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. Abordagens psicológicas à experiência religiosa: traçando a história. In: **Anais do Seminário A Psicologia e o Senso Religioso**. Ribeirão Preto, SP: Salus, 1997. p. 43-57.

¹⁴⁶ PINTOS, C. G. **Un hombre llamado Viktor**. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

¹⁴⁷ EMMONS; PALOUTZIAN, 2003.

¹⁴⁸ HARRISON, M. et al. The epidemiology of religious coping: A review of recent literature. *International Review of Psychiatry*, v. 13, n. 2, p. 86-93, 2001.

É importante considerar que, mais recentemente, a Psicologia Positiva tem oferecido contribuições indispensáveis ao entendimento das forças pessoais dos seres humanos, o que inclui a espiritualidade e pressupõe estudos sobre o papel da religiosidade como mecanismo de enfrentamento, ajustamento e esperança. O suporte religioso é visto aqui como uma forma de suporte social, um recurso que contribui para o melhoramento da autoestima, produz companhia e ajuda contra eventos adversos¹⁵⁰. Grande parte dos empreendimentos científicos relaciona religiosidade com espiritualidade de alguma forma, seja considerando-as antagônicas, seja entendendo-as como sinônimos. Logo, depreende-se que há uma conexão inevitável entre religiosidade e espiritualidade, em virtude de que ambas remetem a experiências, sentimentos e crenças bastante similares, além de que envolvem interesse pela fé e a certeza de algo que transcende a existência no plano material.

A Psicologia Positiva, portanto, tem auxiliado na compreensão da dimensão espiritual da experiência humana, experiência que engloba aspectos biológicos, psicológicos, sociais e espirituais (concepção holística; homem como ser bio-psico-social-espiritual), sendo este último aspecto já reconhecido pela Organização Mundial da Saúde como uma dimensão do estado de saúde¹⁵¹.

A participação em cultos ou missas e a crença e repetição de rituais são comumente associados à religiosidade, enquanto os valores, a fé, a sensibilidade e transcendência pessoal são parte do fenômeno da espiritualidade, podendo manifestar-se em diversas culturas e em todas as idades¹⁵². Sob esta ótica, a espiritualidade se configuraria como um conceito mais abrangente, ao passo que a religiosidade estaria mais relacionada a religiões específicas.

Em uma revisão da literatura, Koenig, McCullough e Larson¹⁵³ localizam doze dimensões essenciais da experiência religiosa. São elas:

¹⁴⁹ SIEGEL, K.; ANDERMAN, S. J.; SCHRIMSHAW, E. W. Religion and coping with health-related stress. **Psychology and Health**, v. 16, n. 6, p. 631-653, 2001.

¹⁵⁰ MARQUES, 2010.

¹⁵¹ WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB)**. Report on WHO consultation, Division of Mental Health and Prevention of substance abuse. Geneve, 1998.

¹⁵² ELKINS, D. N. et al. Toward a humanistic-phenomenological spirituality definition, description, and measurement. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 28, n. 4, p. 5-18, 1988.

¹⁵³ KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M.; LARSON, D. B. **Handbook of religion and health: a century of research reviewed**. New York: Oxford University Press, 2001.

1. *Crenças religiosas*. As crenças são consideradas como a base de todas as religiões, sendo definidas através do número de crenças ortodoxas;
2. *Afiliação religiosa*. Diz respeito a identificação da pessoa com determinado grupo religioso ou crença religiosa.
3. *Religiosidade organizacional*. Está relacionada a participação dos indivíduos nos rituais e nos sacramentos de determinada religião.
4. *Religiosidade não organizacional*. Refere-se a preces ou orações que os indivíduos realizam em seu ambiente privado, sem a presença de uma instituição ou de rituais específicos de uma religião.
5. *Religiosidade subjetiva*. Trata-se da medida em que um indivíduo se sente religioso, isto é, o quanto este avalia seu próprio grau de comprometimento religioso.
6. *Compromisso religioso*. É uma indicação do nível de religiosidade do sujeito, tendo como referência o quanto a pessoa é comprometida e orientada pelas crenças religiosas.
7. *Religiosidade como “busca”*. Está relacionada ao fato de as pessoas utilizarem a religiosidade como algo que ajuda a compreender as adversidades, problemas e tragédias que acontecem em suas vidas ou de outrem. A religião seria entendida, portanto, como uma busca de significado e sentido em um caminho rumo ao sagrado¹⁵⁴.
8. *Experiência religiosa*. Envolve experiências de conversão religiosa, experiências místicas, crença numa cura emocional e física, entre outras experiências ligadas a crença em Deus.
9. *Bem-estar religioso*. Sentimento de satisfação com a vida e de encontrar um sentido pessoal.
10. *Coping religioso*. A religiosidade pode contribuir significativamente para o enfrentamento de dificuldades e situações difíceis.
11. *Conhecimento religioso*. Conhecimentos que as pessoas possuem sobre os dogmas, costumes, doutrinas e histórias de sua religião.
12. *Consequências religiosas*. Comportamentos específicos provenientes da religiosidade, tais como pagamento do dízimo, ações altruístas e filantropia.

¹⁵⁴ PARGAMENT, K. **The psychology of religion and coping: theory, research, practice**. New York: Guilford Press, 1997.

A religião é uma das expressões mais antigas do ser humano¹⁵⁵. Do período que compreende a pré-história e a modernidade, sempre foram manifestados atitudes, crenças, valores e comportamentos religiosos, assim como foram reservados lugares para expressão da religião e da religiosidade. Tendo em vista estas questões, considera-se que a religiosidade é um fenômeno multidimensional que se sustenta a partir de três núcleos centrais: a fé, que se refere às convicções e motivações religiosas; a experiência religiosa, que está relacionada ao envolvimento afetivo; e a prática religiosa, que engloba os rituais e a estrutura da organização social religiosa¹⁵⁶.

Em todas as culturas, pode-se observar a existência de uma palavra específica para classificar aquilo que é sagrado, distinguindo-a daquilo que é considerado laico, profano^{157,158}. A literatura aponta que a religiosidade na forma de religiões apresenta ideias racionais sobre o mundo, sobre os seres humanos, sobre o divino, assim como sobre o sentido da vida. Estas concepções são manifestadas através dos livros sagrados, dos credos e das doutrinas, assim como se expressam por meio dos rituais específicos de cada fé religiosa, que, em geral, são realizados em locais considerados sagrados¹⁵⁹.

Um tipo de ritual, na verdade uma espécie de rito, seria a oração, que é expressa individual ou coletivamente e, normalmente, apresenta um padrão sistemático comum mesmo em religiões diferentes. Hellern, Notaker e Gaarder afirmam que este rito envolve não somente o aspecto cognitivo das pessoas religiosas, mas incita e desenvolve emoções através de preces, canções e danças. Assim, crenças e práticas religiosas são parte essencial da cultura, dos valores morais das sociedades e do processamento de informações pelo homem¹⁶⁰.

Algumas questões interessantes são apontadas nos estudos sobre religiosidade e espiritualidade. Uma delas coloca a espiritualidade em um nível mais

¹⁵⁵ JUNG, C. G. **Psychologie et religion**. Paris: Buchet-Chastel/Córrea, 1958.

¹⁵⁶ FIZZOTTI, E. **Psicologia dell'atteggiamento religioso: percorsi e prospettive**. Roma: Edizioni Erickson, 2006.

¹⁵⁷ CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

¹⁵⁸ HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 2000.

¹⁵⁹ MATTIS, J. S.; JAGERS, R. J. A relational framework for the study of religiosity and spirituality in the lives of African Americans. **Journal of Community Psychology**, v. 29, n. 5, p. 519-539, 2001.

¹⁶⁰ DIERKEN, 2011.

individual e a religiosidade voltada para um contexto social. Lukoff e colegas¹⁶¹ por exemplo, concordam com essa concepção de polaridade, afirmando que a religiosidade implica em aderir a crenças e práticas específicas de uma religião, igreja, doutrina ou instituição religiosa organizada, enquanto a espiritualidade, conforme Faria e Seidl¹⁶², se dirige a uma relação pessoal com algo que o indivíduo considera sagrado, algo como uma força superior em que se acredita. Marques¹⁶³ reitera que essas delimitações surgem com frequência e, portanto, coloca em lados antagônicos o objeto de estudo, buscando compará-los em suas diferenças e defini-los enquanto campo de investigação.

Miller e Thoresen¹⁶⁴ também aceitam a demarcação entre esses construtos. Estes autores associam a espiritualidade com as experiências humanas, e a religiosidade com organizações institucionais religiosas. Nesse sentido, concebem que religiosidade e religião estão necessariamente vinculadas, enquanto que a religião pode estar associada ou não com a espiritualidade. Hill et al.¹⁶⁵, por outro lado, defendem que espiritualidade e religião não são conceitos independentes, mas relacionados. Para eles, o sagrado é algo que é buscado tanto pelo indivíduo religioso quanto pelo espiritualizado¹⁶⁵.

Koenig e seus colaboradores¹⁶⁶ propuseram definições conceituais sobre religião, religiosidade e espiritualidade razoavelmente aceitas pela literatura. São estas: (a) religião é o conjunto sistemático de crenças, práticas e símbolos designados para facilitar o acesso a Deus; (b) religiosidade se refere a prática de uma determinada religião; e (c) espiritualidade remete a busca pela compreensão de questões existenciais maiores, como o sentido da vida e a vida após a morte, e suas relações com o sagrado¹⁶⁷.

¹⁶¹ LUKOFF, D.; LU, F.; TURNER, R. Toward a more culturally sensitive DSM-IV: Psychoreligious and psychospiritual problems. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 180, n. 11, p. 673-682, 1992.

¹⁶² FARIA; SEIDL, 2005.

¹⁶³ MARQUES, 2010.

¹⁶⁴ MILLER, W. R.; THORESEN, C. E. Spirituality, religion, and health: An emerging research field. **American Psychologist**, v. 58, n. 1, p. 24-35, 2003.

¹⁶⁵ HILL, P. C. et al. Conceptualizing religion and spirituality: Points of commonality, points of departure. **Journal for the theory of social behaviour**, v. 30, n. 1, p. 51-77, 2000.

¹⁶⁶ KOENIG; MCCULLOUGH; LARSON, 2001.

¹⁶⁷ TAUNAY, T. C. D. et al. Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Rev Psiq Clín**, v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012.

É interessante mencionar também as definições prestadas por Frankl¹⁶⁸ sobre religião e fé. Ele afirma que a religião envolve símbolos que expressam o sagrado através de elementos antropomórficos, e que a necessidade de simbolizar aquilo que é abstrato é propriamente humana, uma vez que todas as religiões criam uma forma particular de representar o transcendente. No que tange a fé, segundo o autor esta pode ser identificada não somente como a crença em um “Deus”, mas como uma crença movida por uma vontade de encontrar sentido diante de questionamentos existenciais que não podem ser explicados por elementos racionais. Para Frankl, todos os seres humanos sentem uma motivação intrínseca para buscar significado, o que implica dizer que esta questão independe do fato de a pessoa ser ou não religiosa, ademais, a sensação de sentido da vida pode estar relacionada com um tipo de sentimento religioso não institucionalizado, uma religiosidade não organizacional¹⁶⁹.

Algumas críticas foram tecidas em relação à colocação de que a religiosidade se volta mais para o social e a espiritualidade surge de modo mais isolado. Fowler¹⁷⁰, por exemplo, indica que a fé e as crenças são elaboradas e desenvolvem-se a partir do convívio e dos relacionamentos estabelecidos desde a infância, portanto, tanto a religiosidade quanto a espiritualidade dizem respeito a esferas individuais, assim como coletivas. É visando ser capaz de explicar melhor esta conceituação que a literatura tem tentado responder a uma questão: é possível que um indivíduo seja espiritualizado e não seja membro de nenhuma religião? Elkins et al.¹⁷¹ assinam que sim, e que, inclusive, as pessoas se descrevem dessa forma em grande parte dos estudos sobre a temática. Sobre isso, Fuller¹⁷² afirma em seu livro *Spiritual but not religious* que os indivíduos que se descrevem desse modo não frequentam templos e não se denominam a partir de uma classificação religiosa, mas obedecem algumas normas, seguem determinadas práticas espirituais, além de

¹⁶⁸ FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de W. O. Schlupp e H. H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal, Vozes, 1992. Trabalho original publicado em 1988.

¹⁶⁹ FRANKL, V. E. **El hombre en busca del sentido último**: el análisis existencial y la consciencia espiritual del ser humano. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1999.

¹⁷⁰ FOWLER, J. W. **Estágios da fé**: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

¹⁷¹ ELKINS, D. N. et al. Toward a humanistic-phenomenological spirituality definition, description, and measurement. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 28, n. 4, p. 5-18, 1988.

¹⁷² FULLER, R. C. **Spiritual, but not religious**: Understanding unchurched America. Oxford University Press, 2001.

que costumam cultivar certos valores individualmente, a exemplo da bondade, da solidariedade e da gratidão.

Atualmente, tem sido crescente o número de investigações que evidenciam que o envolvimento religioso exerce uma função central para o desenvolvimento saudável na adolescência^{173,174,175,176}, sobretudo naquilo que tange o desenvolvimento da identidade¹⁷⁷. Esse envolvimento repercute significativamente na vida do jovem, conforme eles próprios admitem¹⁷⁸. Essas afirmações podem ser ilustradas a partir de um estudo realizado com universitários da Universidade da Pennsylvania, o qual revelou que 70% dos 889 estudantes entrevistados consideraram importante que a universidade não apenas ofereça um espaço para serviços religiosos, mas também disponha de programas sociais e culturais e tenha um centro espiritual¹⁷⁹.

Sabe-se que os aspectos biológico, psicológico e social, juntos, constroem a subjetividade humana e é, na etapa da adolescência, que esses domínios se encontram no cume da mudança e processo de amadurecimento. Essa fase é caracterizada, principalmente, pela busca por uma identidade própria por parte do jovem, que procura compreender o seu papel no mundo à medida que adquire a consciência de sua singularidade¹⁸⁰.

O processo intenso e conflitante de maturação dessas dimensões demanda tempo, sabedoria e empenho dos familiares e próximos para lidar com a fase. De início, são perceptíveis as mudanças físicas, resultados das ações hormonais que acontecem no corpo do adolescente – crescimento de pelos, aumento da massa muscular, cravos e espinhas apontando no rosto etc. Normalmente essas alterações não são bem aceitas, e incomodam bastante os adolescentes, podendo deixá-los mais retraídos.

¹⁷³ FURROW; KING; WHITE, 2004.

¹⁷⁴ HOPKINS, G. L. et al. Developing healthy kids in healthy communities: eight evidence-based strategies for preventing high-risk behaviour. **Medical Journal of Australia**, 2007.

¹⁷⁵ SMITH, C. et al. Mapping American adolescent subjective religiosity and attitudes of alienation toward religion: A research report. **Sociology of Religion**, 2003. p. 11-123.

¹⁷⁶ WAGENER, L. M., et al. Religious involvement and developmental resources in youth. **Review of religious research**, 2003. p. 271-284.

¹⁷⁷ KING, 2006.

¹⁷⁸ SMITH, C.; DENTON, M. L. **Soul searching**: the religious and spiritual lives of American teenagers. New York: Oxford University Press, 2005.

¹⁷⁹ GONZÁLEZ, R. G. College student spirituality at a Hispanic serving institution. **Journal of College & Character**, v. 9, n. 4, p. 1-26, 2008.

¹⁸⁰ BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedex**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.

No tangente ao fator psíquico, os conflitos existenciais são constantes. O adolescente entende que não mais se encontra na fase da infância e, portanto, responsabilidades já lhe são conferidas. Além disso, o sentimento de autoconfiança e a autonomia emocional e social, por exemplo, encontram-se também em processo de amadurecimento, o que resultará na descoberta de sua identidade psicossocial¹⁸¹.

Ainda durante a adolescência, profundas alterações acontecem nas relações sociais do indivíduo. Nesse período, de certa forma, afasta-se da unidade familiar e a interação com os pares torna-se mais importante. Ao tempo em que as amizades e as relações afetivas se intensificam (acontece o despertar para a sexualidade), há a diminuição do interesse do adolescente pelas atividades familiares¹⁸².

Netto coloca que, embora muitos jovens não sofram um período turbulento de rebelião, quase todos se distanciam de algum modo dos seus pais e mães durante este período, o que é causa de conflitos dolorosos para ambas as partes. Com tudo isso, é evidente que a adolescência se constitui como uma fase de transição em diversos aspectos, devendo o desenvolvimento biopsicossocial e suas mudanças costumeiras serem encarados como completamente normais na vida do ser humano. Esse período também se caracteriza por ser uma fase que parece favorecer as experiências de cunho religioso, visto que apresenta características mais elaboradas, como o desenvolvimento da habilidade de pensar de maneira abstrata.¹⁸³

Partindo deste entendimento, Streck¹⁸⁴ aborda as imagens que os adolescentes constroem sobre Deus. Buscando compreender a religiosidade de jovens alunos e alunas a partir de entrevistas abertas sobre suas experiências e convicções religiosas, a autora reuniu dados interessantes sobre a crença ou descrença em Deus na adolescência, e a imagem que se faz de Deus na infância e juventude.

Deus é um dos assuntos discutidos entre os adolescentes e, em geral, é visto como um ser todo-poderoso, uma entidade superior capaz de observar e julgar tudo.

¹⁸¹ KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**, p. 24-59, 1981.

¹⁸² NETTO, S. P. **Psicologia da adolescência**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

¹⁸³ MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. **Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção**, 2011. p. 77-108.

¹⁸⁴ STRECK, G. I. W. Adolescentes e religiosidade: aportes para o Ensino Religioso na escola. **Estudos Teológicos**, v. 2, p. 60-73, 2006.

Também é referido como uma figura paterna que ampara e protege seus filhos, guiando-os para “o caminho certo”, assim como os castigando quando são desobedientes. Além disso, Deus pode ser entendido como um amigo amável e fiel, e como um sentimento de bondade e moralidade (discernimento entre o correto e o errado), e é nesse sentido que os adolescentes religiosos, em linhas gerais, o veem: alguém com quem podem contar e que nunca os trairá¹⁸⁵.

Por outro lado, a dúvida a respeito de Deus, segundo Streck, pode ser explicada por algumas questões específicas dessa fase do desenvolvimento. A autora afirma que a mudança na imagem de Deus é uma necessidade ou uma possibilidade característica da adolescência, e que pode ser percebida na fala de adolescentes. Os conceitos sobre Deus, em geral, são ensinados pelo grupo familiar e pelas comunidades de fé, sendo transmitidos por pessoas adultas durante todo o desenvolvimento do sujeito. No entanto, por ser uma fase de intensas modificações, a adolescência pode sinalizar uma perda de segurança nas crenças que perduraram até o momento, o que coloca a palavra “dúvida” como uma questão recorrente na fala dos jovens quando pensam em Deus e em religiosidade:

A visão antropomórfica de Deus é predominante, mas não é a única possibilidade no imaginário dos adolescentes. A imagem antropomórfica engloba características de pessoas adultas (em geral uma pessoa, um homem, um senhor de idade) que podem ser muito diversificadas, a depender das experiências e modelos que estiveram presentes na vida do indivíduo desde sua infância¹⁸⁶. As qualidades subjetivas de Deus também seguem essa orientação, sendo consolidadas a partir dos relacionamentos que os adolescentes desenvolveram com os adultos (“Deus é honesto e justo”, “é um amigo com quem se pode contar”, “julga as pessoas”, “Deus tem um coração gigante”, “fica infeliz por ver as pessoas se exterminando”, “Deus inspira respeito”, “sabe dar conselhos” etc.).

Feitos estes apontamentos, a literatura define que o estudo da religiosidade na infância e na adolescência e os aspectos desenvolvimentais desse construto têm sido pouco explorados pela psicologia do desenvolvimento^{187,188}. Por outro lado,

¹⁸⁵ STRECK, 2006.

¹⁸⁶ DAVID, A. **O desenvolvimento religioso no processo formador da identidade social-religiosa na adolescência**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.

¹⁸⁷ BENSON, P. L.; ROEHLKEPARTAIN, E. C.; RUDE, S. P. Spiritual development in childhood and adolescence: Toward a field of inquiry. **Applied Developmental Science**, v. 7, n. 3, p. 205-213, 2003.

buscas mais recentes atestam que, apesar de historicamente tal tema ter sido negligenciado, a quantidade de teóricos que se dedica a compreender a religiosidade na adolescência tem aumentado. Nos primeiros estudos realizados sobre essa questão, Hall¹⁸⁹ considerava que a adolescência e o desenvolvimento da fé eram processos que aconteciam simultaneamente na vida dos sujeitos, e, a partir disso, outros estudiosos passaram a se interessar pela temática da religiosidade nas fases do desenvolvimento humano, sobretudo na infância e adolescência^{190,191,192,193,194,195,196}.

Good e Willoughby¹⁹⁷ trazem também que a adolescência ganha destaque por apresentar algumas características peculiares capazes de fazer com que tal fase do desenvolvimento seja sensível ao desenvolvimento espiritual. Estes autores postulam que os adolescentes, mais do que adultos ou crianças, se engajam em experiências de cunho espiritual, assumem experiência de conversão ou compromisso espiritual e/ou realizam compromissos espirituais que podem durar por toda a vida¹⁹⁸.

Dessa maneira, vale ressaltar que os fenômenos da religiosidade se apresentam de maneira distinta na meia-idade e na adolescência. Na meia-idade surge o enfrentamento da mortalidade, devido os adultos, em geral, vivenciarem o luto pela perda dos pais, fase em que os valores são reavaliados e ocorrem momentos de questionamentos, cabendo então à espiritualidade forjar os valores para a segunda metade da vida¹⁹⁸. Conforme Elkins¹⁹⁸, já na adolescência, o desenvolvimento da espiritualidade está mais ligado à luta pelo sucesso, visto que os jovens estão mais sedentos de descoberta e, ao mesmo tempo, estão mais livres e menos temerosos em relação a mudanças repentinas. É nessa direção que autores como Furrow, King e White¹⁹⁹ atestam que o adolescente pode encontrar no

¹⁸⁸ GOOD, M.; WILLOUGHBY, T. Adolescence as a sensitive period for spiritual development. **Child Development Perspectives**, v. 2, p. 32-37, 2008.

¹⁸⁹ HALL, G. S. **Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education**. Appleton, New York, 1904.

¹⁹⁰ ARAGÓ MITJANS, J. M. **Psicologia evolutivo do niño**. Barcelona: Herder, 1965

¹⁹¹ BABIN, P. **Dios y el adolescente**. Barcelona: Herder, 1968.

¹⁹² BOVET, P. **El sentimiento religioso y a psicología dei nino**. Buenos Aires: Psique, 1975.

¹⁹³ CARRIÓN, L. **Querido señor Dios... (Cartas a Dios de los niños españoles)**. Madrid, 1976.

¹⁹⁴ GODIN, A. **Adulto y nino ante Dios**. Salamanca: Sigueme, 1968.

¹⁹⁵ RODRÍGUEZ DE ECHEVARRÍA, G. **El adolescente espanol**. Salamanca: Sigueme, 1974.

¹⁹⁶ ROSS, M. G. **Religious beliefs of youth**. New York: Association, 1950.

¹⁹⁷ GOOD; WILLOUGHBY, 2008.

¹⁹⁸ ELKINS, D. E. **Além da religião**. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.

¹⁹⁹ FURROW; KING; WHITE, 2004.

desenvolvimento da espiritualidade novos significados para sua vida, o que é considerado saudável, visto que o envolvimento religioso pode promover um bom desenvolvimento durante a adolescência²⁰⁰.

É importante ressaltar outros benefícios e/ou preocupações que o envolvimento religioso pode trazer ao adolescente. A princípio a participação dos adolescentes em contextos religiosos pode oferecê-los fortes redes de apoio social e, junto a isso, um código moral que pode influenciar na frequência futura de comportamentos de risco. No entanto, no estudo de Wagener et al.²⁰¹ não foram avaliados os possíveis efeitos negativos da religião nos recursos de desenvolvimento na adolescência, mas sugere-se que certos tópicos sejam investigados mais substancialmente, tais como desenvolvimento de comportamentos dependentes, aumento do sentimento de culpa ou vergonha, e inibição da criatividade. Roehlkepartain e seus colaboradores²⁰² propõem a realização de estudos sobre o desenvolvimento de certas formas patológicas de espiritualidade, como aquelas voltadas para o conflito, e relacionadas ao autoritarismo e ao uso de si, quando o sujeito pode causar danos a si mesmo e aos outros.

Torna-se pertinente afirmar, portanto, que a religião é capaz de oferecer uma contribuição singular ao desenvolvimento na adolescência. As explicações e os conceitos sobre a religiosidade variam de acordo com as necessidades físicas, com a moralidade, o temperamento, a personalidade, a capacidade mental e os valores humanos²⁰³. Nessa direção, a seguir serão abordados estes e outros fatores correlacionados com a temática.

2.2 Religiosidade e seus correlatos

A religiosidade vem se mostrando um importante construto, sendo estudado como fator correlato de diversas outras variáveis ligadas ao comportamento humano. Dentre elas pode-se destacar a relação da religiosidade com o sentido da vida²⁰⁴, com os valores humanos²⁰⁵, aspectos da psicologia positiva, a exemplo do

²⁰⁰ FURROW; KING; WHITE, 2004.

²⁰¹ WAGENER et al., 2003.

²⁰² ROEHLKEPARTAIN, E. C. et al. Spiritual development in childhood and adolescence: moving to the scientific mainstream. In: ROEHLKEPARTAIN, E. C. et al. (Eds.), **The handbook of spiritual development in childhood and adolescence**. Thousand Oaks: Sage, 2006.

²⁰³ NETTO, 1976.

²⁰⁴ AQUINO, 2009.

²⁰⁵ GOUVEIA, V. V. A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. **Estudos de Psicologia**, 2003. p. 431-443.

bem-estar, além de sua forte correlação com fatores sócio demográficos, tais como idade e sexo²⁰⁶.

Em estudo desenvolvido por Moreira-Almeida e seus colaboradores²⁰⁷, que contou com a participação de 3.007 indivíduos, foi possível perceber algumas características que predominam acerca do nível de religiosidade da população que fez parte de tal experimento. Nesse estudo, as únicas variáveis que tiveram influência sobre o nível de religiosidade foram idade e sexo, em que quanto maior a idade maior a religiosidade, e com relação ao sexo, observou-se que as mulheres apresentavam maiores níveis de religiosidade. Esses achados estão alinhados com resultados encontrados em estudos semelhantes realizados nos Estados Unidos, cujos resultados também indicaram um maior envolvimento religioso por parte de mulheres e idosos^{207,208,209}. Além disso, os estudos evidenciaram um alto nível de envolvimento religioso na população brasileira, visto que 95% das pessoas afirmaram ter uma religião e 83% a consideraram muito importante.

Em estudo realizado em 2009, Aquino e colaboradores²¹⁰ encontraram evidências que relacionam atitudes religiosas com sentido da vida. Tal estudo contou com a participação de 299 sujeitos, com idades variando entre 18 e 84 anos ($M = 42$). Neste, foi possível observar que a variável *atitude religiosa* apresentou correlação positiva com *realização existencial* ($r = 0,36, p < 0,0001$), e negativa com o fator geral da *Escala de Propósito de Vida* ($r = -0,31, p < 0,0001$), *desespero existencial* ($r = -0,26, p < 0,0001$) e *vazio existencial* ($r = -0,19, p < 0,0001$). Além disso, através de uma análise ANOVA, constatou-se que há diferenças entre as médias das atitudes religiosas em função das etapas da vida, havendo diferenças significativas entre os grupos adolescência e meia-idade, adolescência e terceira idade, jovem adulto e meia idade, e jovem adulto e terceira idade.

A partir dos achados de Aquino e cols. sobre o sentido da vida citado anteriormente, pode-se destacar a importância da religiosidade como um fator de proteção do vazio e desespero existencial, demonstrando-se que a religião é capaz

²⁰⁶ MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2010. p. 12-5.

²⁰⁷ HALMAN, L.; DRAULANS, V. How secular is Europe?. **The British Journal of Sociology**, 2006. p. 263-288.

²⁰⁸ LEVIN, J. S.; CHATTERS, L. M. Religion, health, and psychological well-being in older adults findings from three national surveys. **Journal of Aging and Health**, 1998. p. 504-531.

²⁰⁹ KRAUSE, N. Religion, aging, and health: exploring new frontiers in medical care. **Southern Medical Journal**, 2004. p. 1215-1223.

²¹⁰ AQUINO et al., 2009.

de oferecer bem-estar psíquico ao indivíduo. Além disso, alguns autores ainda afirmam que a religiosidade está relacionada ao bem-estar biológico e emocional das pessoas, fazendo com que apresentem menor probabilidade de manifestar comportamentos de risco, como o suicídio²¹¹. Apesar desses resultados, é importante ressaltar que a ausência de religiosidade não evidencia uma condução à doença, enfatizando que a religiosidade deve ser considerada apenas como um fator de proteção, não como uma condição necessária ao bem-estar²¹².

Faz-se necessário também discutir acerca da relação das atitudes religiosas com as diferentes faixas etárias. Os baixos escores obtidos na população jovem podem estar ligados a quebra dos valores religiosos, deixando-os em segundo plano e fazendo com que haja uma perda dos referenciais ligados à religiosidade. Dessa maneira, Aquino e seus colaboradores²¹³, em 2009, afirmam que os jovens passaram a substituir seus ideais culturais pelos ideais particulares, sendo frequente a opção pelo estilo de vida “dessacralizado”. Os idosos, por sua vez, apresentam uma pontuação mais alta em atitudes religiosas e isso pode ser explicado através da maior consciência que eles têm acerca da finitude da vida, podendo, assim, encontrar na religiosidade uma forma de enfrentamento das questões existenciais que a morte pode suscitar.

Alguns estudos dentro da temática dos valores humanos também ganham destaque por considerarem a religiosidade. Dentre eles, com base na Teoria Funcionalista dos Valores Humanos proposta por Gouveia^{213,214}, sobressai-se o desenvolvido por Santos e colaboradores²¹⁵, que teve como objetivo descobrir quais os valores endossados por aquelas pessoas que apresentam maiores pontuações em compromisso religioso. Para tanto, o estudo contou com a participação de 535 estudantes de todos os níveis escolares, com idades que variaram de 10 a 22 anos ($M = 15,5$).

Os resultados desse estudo mostraram que as subfunções dos valores sociais (normativa e interativa) apresentaram correlações diretas com o

²¹¹ PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de *coping* religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. **Psicologia em estudo**, 2005, 507-516.

²¹² AQUINO, 2009.

²¹³ GOUVEIA, V. V. **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo**: Una comparación intra e intercultural. 1998.

²¹⁴ GOUVEIA, V. V. A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. **Estudos de Psicologia**, 2003. p. 431-443.

²¹⁵ SANTOS, W. S., et al. A influência dos valores humanos no compromisso religioso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2012. p. 285-292.

compromisso religioso, sendo que a pontuação em normatividade apresentou maior destaque. Ademais, a subfunção experimentação apresentou correlação negativa com o compromisso religioso. Tais achados mostram que pessoas com alta pontuação em religiosidade, a partir da relação positiva com a normatividade, geralmente, priorizam a preservação das normas convencionais e do *status quo*²¹⁶. Por outro lado, os valores de experimentação endossam comportamentos que estão ligados a busca de aventuras e prazer, que, a partir dos achados desse estudo, não são priorizados por aqueles sujeitos que apresentam um elevado escore em compromisso religioso.²¹⁷

Santos e seus colaboradores²¹⁸ ainda realizaram um segundo estudo, com o objetivo de verificar a capacidade de os valores humanos predizerem e influenciarem o compromisso religioso. Tal estudo contou com a participação de 431 estudantes, com idades variando entre 10 e 22 anos ($M = 15,4$). Os achados, então, foram ao encontro daquilo que se esperava, pois os valores normativos e interativos mostraram ter uma associação direta com o compromisso religioso e, por sua vez, os valores de experimentação e existência apresentaram uma associação inversa com esta variável de religiosidade. Tais achados corroboraram resultados encontrados em estudos prévios que também abordaram a relação entre religiosidade e valores humanos^{218,219,220}.

Dessa maneira, conclui-se que indivíduos que apresentam um elevado compromisso religioso são aqueles que priorizam as normas sociais e suas obrigações, valorizando a pertença a grupos sociais e religiosos, visto que levam em consideração o apoio encontrado nesses grupos. É sob esta perspectiva que se faz importante reforçar a relevância dos valores humanos como bons preditores do compromisso religioso e ressaltar que a religião exerce influência marcante no ambiente²²¹.

²¹⁶ GOUVEIA, V. V. et al. Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. **Revista de Administração Mackenzie**, 2009.

²¹⁷ SANTOS et al., 2012.

²¹⁸ MENÉNDEZ, M. A. Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica. **Análise Social**, 2007. p. 757-787.

²¹⁹ SAROGLU, V.; DELPIERRE, V.; DERNELLE, R. Values and religiosity: A meta-analysis of studies using Schwartz's model. **Personality and individual differences**, 2004. p. 721-734.

²²⁰ SCHWARTZ, S. H.; HUISMANS, S. Value priorities and religiosity in four western religions. **Social Psychology Quarterly**, 1995. p. 88-107.

²²¹ SCHWARTZ, S. H. Are there universal aspects in the structure and contents of human values?. **Journal of Social Issues**, 1994. p. 19-45.

A espiritualidade e a religiosidade também aparecem como importantes construtos dentro dos estudos da psicologia positiva. Pesquisas já mostram que a espiritualidade apresenta relação com construtos psicológicos como a empatia, comportamentos pró-sociais e gratidão²²². Além disso, outros achados evidenciam que a fé apresenta alguns efeitos psicológicos positivos, de modo que pessoas mais religiosas, em geral, são menos propensas ao consumo de drogas diversas, a se divorciarem, a cometerem crimes e ao suicídio, além de que podem apresentar uma melhor saúde física, conseguem resistir mais à depressão, e têm se mostrado mais satisfeitos com a vida²²³.

2.3 Medidas de Religiosidade

A religiosidade é uma temática estudada a partir de diversas frentes, sendo possível, assim, construir escalas que visem medi-la de diversas formas, como a partir das atitudes religiosas, compromisso e engajamento religioso, *coping*, bem-estar espiritual, entre outros. Dessa maneira, serão abordadas a seguir algumas das principais escalas que se dispõem a mensurar a religiosidade nos diferentes indivíduos.

Algumas das escalas existentes dentro dos estudos em religiosidade que têm ganhado destaque são as seguintes: *Escala de Atitudes Religiosas*^{224,225,226} (EAR-20), *Intrinsic Religious Motivation Scale*²²⁷, *Escala de Bem-Estar Espiritual*^{228,229} (EBE), *Breve Medida Multidimensional da Religiosidade/Espiritualidade*²³⁰ (BMMRS),

²²² PALUDO; KOLLER, 2007.

²²³ SELIGMAN, 2004.

²²⁴ AQUINO, T. A. A. et al. Escala de Atitudes Religiosas, versão expandida (EAR-20): Evidências de Validade. **Avaliação Psicológica**, 2013. p. 109-119.

²²⁵ AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças dos alunos de psicologia. **Revista do Unipê**, 2005. p. 56-63.

²²⁶ DINIZ, A. C.; AQUINO, T. A. A. A relação da religiosidade com as visões de morte. **Revista Religare**, 2009.

²²⁷ HOGE, R. A validated intrinsic religious motivation scale. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 1972. p. 369-376.

²²⁸ PALOUTZIAN, R.; ELLISON, C. Loneliness, spiritual well-being, and quality of life. In: POPLAR, I; PERLMAN, D. (Eds), **Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy**, 1982.

²²⁹ MARQUES, L. F.; SARRIERA, J. C.; DELL'AGLIO, D. D. Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): Adaptation and validation of Spiritual Well-Being Scale (SWS). **Avaliação Psicológica**, 2009. p. 179-186.

²³⁰ CURCIO, C. S. S. et al. **Validação da Versão em português da Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality ou Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade (BMMRS-P)**. 2012.

Escala De Coping Religioso-Espiritual (Escala CRE), desenvolvida por Panzini e Bandeira²³¹, e a *Versão Brasileira da Escala de Religiosidade de Duke* (DUREL)²³².

A *Escala de Atitudes Religiosas* foi desenvolvida, a princípio, por Aquino²³³, passando em seguida por ajustes e novas análises de evidências de validade, com estudo desenvolvido pelo próprio Aquino e seus colaboradores²³⁴. Atualmente, essa escala é composta por 20 itens, que são distribuídos em quatro fatores atitudinais: *afetivo*, *comportamental*, *cognitivo* e *expressivo*. Além disso, a medida é de autorrelato do tipo Likert, e a escala de resposta varia de 1 (nunca) a 5 (sempre). O último estudo de validade dessa escala foi realizado em 2013 e contou com a participação de 190 sujeitos, com idades que variavam de 15 a 70 anos ($M = 32,2$). Como resultado, constatou-se que o modelo mais recente, que adota quatro fatores, se mostrou mais promissor, visto que seus resultados demonstraram maior adequação empírica ($\chi^2/gf = 2,23$, $GFI = 0,84$, $CFI = 0,90$ e $RMSEA = 0,08$)²³⁵.

Uma outra medida foi desenvolvida por Hoge²³⁵, sendo criada para o propósito de verificar a motivação religiosa intrínseca dos indivíduos. Esta recebeu o nome de *Intrinsic Religious Motivation Scale*. Tal escala é caracterizada como uma medida de autorrelato do tipo Likert, e inicialmente fora composta por 30 itens, porém, após o processo de verificação da correlação inter-itens e da análise fatorial, adotou-se uma solução final composta por 10 itens. Com isso, a medida final ficou dividida em dois fatores, sendo eles o *fator de motivação intrínseca* e o *fator de motivação extrínseca*.

Uma terceira medida apontada na literatura é a *Escala de Coping Religioso-Espiritual*, que foi desenvolvida em 2005 por Panzini e Bandeira e tem como objetivo descrever a maneira como as pessoas utilizam sua crença para lidar com o estresse. Tal medida é composta por 87 itens e trata-se de uma escala de autorrelato do tipo Likert, com respostas que variam de 1 (nunca) a 5 (sempre). O estudo de campo dessa escala contou com a participação de 616 sujeitos do Rio Grande do Sul, com idade média de 41,38 anos. As análises apresentaram resultados psicométricos satisfatórios para as duas dimensões do *coping* religioso-espiritual (positivo e

²³¹ PANZINI; BANDEIRA, 2005.

²³² MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke – DUREL. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 2008. p. 31-32.

²³³ AQUINO, 2005.

²³⁴ AQUINO et al., 2013.

²³⁵ HOGE, 1972.

negativo) e mostraram que a escala apresenta uma boa validade para a população brasileira.

Outra importante medida é a *Escala de Bem-Estar Espiritual* (EBE), que foi desenvolvida por Paloutzian e Ellison²³⁶ em 1982 e se destaca como uma das pioneiras no que diz respeito aos estudos sobre espiritualidade e religiosidade. Dessa maneira, esta medida se caracteriza como um instrumento de autorrelato do tipo Likert, com escala de resposta que varia de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). A EBE é uma medida que se divide em duas subescalas, denominadas de *Bem-estar religioso* e *Bem-estar existencial*, sendo cada uma composta por 10 itens. Sua validação para o português aconteceu em 2009, em um estudo que contou com a participação de 506 participantes, com idades que variavam de 16 a 78 anos. De acordo com Curcio et al.²³⁷, a análise fatorial demonstrou que a solução com dois fatores é a mais adequada.

É relevante mencionar também a *Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality*, cujo objetivo é relacionar a religiosidade/espiritualidade com os resultados na saúde. Dessa maneira, a escala é formada por 11 dimensões, são elas: *experiências espirituais diárias; valores/crenças; perdão; práticas religiosas particulares; superação religiosa; apoio religioso; histórico religioso espiritual; comprometimento; religiosidade organizacional; preferência religiosa; e classificação geral individual*. Tal medida foi validada para o Brasil por Curcio et al.²³⁸, sendo intitulada de *Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade*.

A *Versão Brasileira da Escala de Religiosidade de Duke* (DUREL), por sua vez, é uma derivação da *Duke Religion Index* e trata-se de uma escala de cinco itens que tem por objetivo medir três dimensões da religiosidade: *religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional e religiosidade intrínseca*. Ela se caracteriza como uma escala do tipo Likert, com extensão de respostas de 5 (religiosidade intrínseca) ou 6 (religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional) itens. Esta escala mostrou resultados psicométricos satisfatórios para sua validação no Brasil.²³⁸

²³⁶ PALOUTZIAN; ELLISON, 1982.

²³⁷ CURCIO et al., 2012.

²³⁸ MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008.

Optou-se por adotar neste trabalho a *Escala de Religiosidade de Duke*, desenvolvida originalmente por Koenig, Parkerson e Meador²³⁹, sendo adaptada para o Brasil por Moreira-Almeida e colaboradores²⁴⁰. Tal medida demonstrou uma satisfatória estabilidade temporal na sua versão em português, o que justifica esta escolha. Além disso, trata-se de um instrumento curto e de fácil aplicação, cuja finalidade única é medir a religiosidade, não abordando outras questões, tais como a espiritualidade. Diante do exposto, acredita-se que a decisão por utilizar este instrumento se mostrou mais coerente com os objetivos do presente estudo.

²³⁹ KOENIG, H.; PARKERSON, G R.; MEADOR, K. G. Religion index for psychiatric research. **American Journal of Psychiatry**, 1997. p. 885-886.

²⁴⁰ MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008.

3. PESQUISA SOCIAL COM ADOLESCENTES

3.1 Metodologia

3.1.1. Delineamento e Hipóteses

Trata-se de um estudo eminentemente correlacional, com orientação psicométrica, em que se procura avaliar a relação entre religiosidade e gratidão em adolescentes. Portanto, este trabalho utiliza-se de uma metodologia quantitativa de desenho não-experimental.

As médias dos participantes no fator geral de gratidão e nos fatores de religiosidade (religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional e religiosidade intrínseca) orientaram as análises de correlação. Foram elaboradas as seguintes hipóteses específicas, considerando a estrutura fatorial dos instrumentos psicométricos utilizados:

Hipótese 1. A religiosidade se correlacionará positivamente com gratidão;

Hipótese 2. Existem diferenças entre homens e mulheres no tocante à gratidão e à religiosidade.

3.1.2 Participantes

Participaram deste estudo 204 estudantes de uma instituição privada de ensino superior de uma cidade do interior do Piauí. Estes universitários compunham os semestres iniciais dos cursos de Administração, Direito, Enfermagem, Engenharia Civil, Fisioterapia, Nutrição, Pedagogia e Psicologia. A maioria era do sexo feminino (65,8%), solteira (92,1%), católica (61,4%), percebendo-se como sendo de classe socioeconômica média (60,4%), medianamente religiosa (51,0%), com idade variando entre 18 e 20 anos ($M = 19$ anos).

3.1.3 Instrumentos

Os participantes receberam um livreto (encontra-se em Apêndice), impresso frente e verso, onde constavam os seguintes instrumentos, nesta ordem:

Questionário de Gratidão (Gratitude Questionnaire; GQ-6). Este instrumento foi desenvolvido em contexto estadunidense por McCullough, Emmons e Tsang²⁴¹. Sua versão final é composta por seis itens que pretendem mensurar o nível de gratidão das pessoas (*Sou grato por muitas coisas na vida; Quando olho para o mundo não vejo muita coisa para ser grato*) a partir de uma escala do tipo *Likert* que varia de 1 a 7, sendo 1 = *Discordo totalmente* e 7 = *Concordo totalmente*. Os autores reuniram evidências empíricas de que a versão original é composta por uma solução unifatorial, cujo alfa de Cronbach foi 0,82.

Escala de Religiosidade da Duke – DUREL. Esta escala foi elaborada por Koenig, Parkerson e Meador²⁴² e adaptada ao contexto brasileiro por Moreira-Almeida e seus colaboradores²⁴³. Possui cinco itens que são respondidos em três tipos de escala; para o item 1, que diz respeito a frequência com que o indivíduo realiza atos de religiosidade organizacional, a escala de resposta varia de 1 = *Mais do que uma vez por semana* a 5 = *Nunca*. O item 2, que remete a frequências de ações religiosas não vinculadas a organizações, assume uma escala que compreende respostas de 1 (*Mais do que uma vez ao dia*) a 6 (*Raramente ou nunca*). E por fim, os itens 3 a 5 estão relacionados a crenças ou experiências religiosas, podendo variar de 1 a 5 (1 = *Totalmente verdade para mim*; 5 = *Não é verdade*). Os itens da DUREL, portanto, obedecem a três dimensões de religiosidade: religiosidade organizacional (RO), religiosidade não organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI). Não se admite que na análise dos resultados deste instrumento as pontuações nas três dimensões sejam analisadas conjuntamente, uma vez que os escores de ambas não devem ser somados em um escore total.

Questões Sociodemográficas. Tais questões foram incluídas com o propósito de caracterizar a amostra estudada, bem como realizar análises comparativas. Aqui constam perguntas referentes à idade, sexo, estado civil, religião, nível socioeconômico, além de curso de graduação e semestre atual do curso.

²⁴¹ MCCULLOUGH; EMMONS; TSANG, 2002.

²⁴² KOENIG; PARKERSON; MEADOR, 1997.

²⁴³ MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008.

3.1.4 Procedimento

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades EST, sob o número CAAE 54677916.3.0000.5314, iniciou-se a coleta de dados. Os instrumentos foram respondidos individualmente, porém em ambiente coletivo de sala de aula. Uma vez obtida a autorização do professor responsável pelo componente curricular, o pesquisador se apresentava em sala de aula solicitando que os estudantes voluntariamente se dispusessem a participar do estudo. Nesse momento, a temática fora previamente apresentada, assim como a natureza objetiva da pesquisa e o modo de responder os instrumentos.

Todos os estudantes foram informados sobre o caráter voluntário de sua participação, sendo esclarecido que poderiam deixar o estudo a qualquer momento sem quaisquer prejuízos. Solicitou-se daqueles que decidiram participar que assinassem um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaração que garante o anonimato e confidencialidade de todas as respostas do participante e o comunica que as informações obtidas poderão ser usadas, em seu conjunto, para fins acadêmicos e/ou científicos, inclusive embasando monografias, dissertações, teses e publicações, mantendo sempre o anonimato dos respondentes. O tempo médio para concluir a coleta de dados foi de 15 minutos.

Todos os preceitos éticos que orientam as pesquisas com seres humanos foram cuidadosamente respeitados, tendo em vista a Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, que estabelece as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas dessa ordem.

Posteriormente à finalização do trabalho será fornecida uma devolutiva sobre os resultados da pesquisa aos participantes.

3.1.5 Análise dos dados

Para a tabulação e análise dos dados foi utilizado o pacote estatístico *SPSS*, em sua versão 21, com o objetivo de obter estatísticas descritivas (análise de frequência, medidas de tendência central e dispersão) e inferenciais (teste *t* de *Student* para comparação de grupos e análises de correlação de Pearson para avaliar o relacionamento entre as variáveis).

3.2 Resultados

Os achados serão apresentados buscando atender aos objetivos do estudo e às hipóteses previamente elaboradas. Portanto, inicialmente serão abordados os índices e direções das correlações entre os construtos gratidão e religiosidade. Em seguida, apresentar-se-á os resultados que incluem a comparação entre homens e mulheres no tangente às variáveis sociodemográficas (sexo, classe socioeconômica, estado civil e religião) e os construtos de interesse deste trabalho.

Após calculadas as pontuações totais dos participantes no fator geral da gratidão e nos fatores de religiosidade (religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional e religiosidade intrínseca) procedeu-se às análises de correlação de Pearson. É fundamental esclarecer que as orientações dos autores da *Escala de Religiosidade da Duke – DUREL* para cálculo da média dos fatores foram acatadas.

Como resultado, observou-se um padrão estatisticamente significativo de correlações entre o fator geral da gratidão e as dimensões de religiosidade. Gratidão correlacionou-se positivamente com religiosidade organizacional ($r = 0,19$; $p < 0,01$), religiosidade não organizacional ($r = 0,22$; $p < 0,01$) e religiosidade intrínseca ($r = 0,20$; $p < 0,01$). Estes resultados podem ser melhor observados através da tabela 1.

Tabela 1. Correlações entre gratidão e religiosidade em amostra de adolescentes universitários

	1	2	3	4
1. Gratidão	1			
2. Religiosidade Organizacional	,194**	1		
3. Religiosidade Não Organizacional	,220**	,394**	1	
4. Religiosidade Intrínseca	,203**	,606**	,509**	1

**Correlação significativa ao nível de 0,01 (bicaudal); *Correlação significativa ao nível de 0,05 (bicaudal).

Com o intuito de verificar a existência de diferença significativa entre os escores médios obtidos por homens e mulheres quanto aos construtos gratidão e religiosidade, realizou-se testes *t* de Student para amostras independentes. Em

relação à gratidão, não foi observada diferença estatisticamente significativa entre os sexos para esta amostra da população.

Quanto aos resultados encontrados a partir do teste t que avaliou as diferenças de médias entre homens e mulheres na variável religiosidade, observou-se que as mulheres apresentaram maior pontuação em comparação aos homens no que diz respeito a religiosidade intrínseca. O sexo feminino apresentou média de 4,2 ($DP = 0,72$), enquanto o masculino pontuou em torno de 3,7 ($DP = 1,02$), considerando que a escala de resposta varia entre 1 e 5. Portanto, essa diferença foi estatisticamente significativa $t(204) = -3,48, p < 0,05$.

Semelhante a este resultado, observou-se uma diferença marginalmente significativa entre as médias de homens e mulheres na dimensão religiosidade não organizacional, $t(204) = -1,68, p = 0,06$. Os sujeitos do sexo masculino apresentaram média igual a 3,5 ($DP = 1,72$), enquanto que para os do sexo feminino a média foi 4,0 ($DP = 1,60$).

Não foram verificadas diferenças significativas ($p > 0,05$) entre os sexos para a religiosidade organizacional nesta amostra. Do mesmo modo, as diferenças entre gratidão e religiosidade considerando as variáveis classe social, estado civil e religião praticada pelo participante não foram estatisticamente significativas.

3.3 Discussão

Este trabalho objetivou verificar a relação entre gratidão e religiosidade em uma amostra de adolescentes da população universitária. Confia-se que seu propósito tenha sido alcançado, visto que as análises de correlação de Pearson apontaram a existência de relação estatisticamente significativa entre o fator geral da gratidão e os fatores religiosidade organizacional, religiosidade não organizacional e religiosidade intrínseca. As relações entre essas variáveis assumem uma única direção, são positivas, o que vai ao encontro dos achados preconizados pela literatura científica acerca da religiosidade e gratidão.

Para responder à questão de pesquisa, este trabalho se estruturou em dois blocos. O primeiro reúne um marco teórico acerca da gratidão, que, na contemporaneidade, situa-se como um construto psicológico explorado eminentemente pela Psicologia Positiva. Nesta etapa, a Psicologia Positiva foi

discutida enquanto campo do saber paradigmático, científico, teórico, metodológico, propositivo e interventivo à medida em que foram abordados sua proposta e objeto de estudo, seu histórico e principais representantes, sua relação com a psicologia humanista de Maslow e Rogers, alguns dos construtos sobre os quais se dedica, estudos à nível nacional e internacional e o desenvolvimento da área no Brasil.

No seguimento, foram apresentados de maneira detalhada o histórico dos estudos sobre gratidão, sua relação com a Psicologia Positiva, principais aspectos conceituais e correlacionais, além dos instrumentos psicométricos mais relevantes para a mensuração da gratidão; nesta última seção foi discutida a elaboração e pertinência de diferentes medidas de gratidão, utilizadas tanto no contexto brasileiro quanto no cenário internacional. No capítulo 1, portanto, diferentes perspectivas teóricas sobre o entendimento da gratidão foram apresentadas, comparadas e contrapostas, portanto, julga-se que a variabilidade teórica acerca deste construto foi contemplada.

O capítulo 2, na continuidade, aborda a religiosidade enquanto uma das formas encontradas pelo homem para dar sentido a sua existência. Inicialmente, o texto aponta quais disciplinas acadêmicas tem se dedicado a estudar os aspectos relacionados a religião e a religiosidade. Dentre eles, encontram-se a ciência da religião, a psicologia da religião, a teologia e a psicologia positiva. Para a última, no entanto, a religiosidade configura-se como um aspecto pontual que pode contribuir eficazmente para o desenvolvimento do indivíduo e para o estabelecimento de laços sociais²⁴⁴.

Em linhas gerais, o segundo capítulo aborda os fundamentos essenciais da religiosidade, o histórico dos estudos sobre essa temática, alguns dos variados conceitos e definições de religiosidade e religião, assim como as similaridades e discrepâncias entre estes e os de espiritualidade e fé. Nesse sentido, o capítulo remonta um quadro geral sobre as diferentes dimensões da experiência religiosa, enfatizando como esta é compreendida na adolescência.

Além destas questões, o capítulo 2 apresenta estudos nacionais e internacionais acerca da religiosidade, aponta e discute sua relação com outros construtos psicológicos, além de trazer um apanhado razoável sobre as principais medidas de religiosidade, com enfoque para a utilizada nesse estudo.

²⁴⁴ MARQUES, 2010.

O instrumento psicométrico escolhido foi a Escala de Religiosidade da Duke (DUREL), adaptado para o Brasil por Moreira-Almeida e seus colaboradores²⁴⁵. Optou-se por tal medida porque esta avalia unicamente a religiosidade, desconsiderando outras questões, tais como a espiritualidade. Além disso, este instrumento é considerado adequado para o estudo da religiosidade em diferentes áreas, não sendo restrito à pesquisa em saúde mental²⁴⁶. A DUREL é uma medida curta que distribui os itens em três dimensões: religiosidade organizacional (RO), religiosidade não organizacional (RNO) e religiosidade intrínseca (RI).

O segundo bloco, por sua vez, assume um caráter empírico, trazendo um estudo de orientação psicométrica que se propõe a avaliar a relação entre religiosidade e gratidão na adolescência. Logo, trata-se de uma metodologia quantitativa de delineamento não-experimental.

Reconhece-se que a temática da religiosidade associada à gratidão não é um empreendimento científico novo, uma vez que é possível localizar na literatura diversos estudos que versam sobre essa relação. No entanto, a decisão por reunir evidências destes construtos a partir de uma amostra de adolescentes recém ingressos no contexto universitário amplia sua relevância.

Esta fase do desenvolvimento é considerada uma etapa de conflitos e dúvidas, uma passagem entre a infância e a vida adulta que assume um caráter, de fato, transicional. Além de ser acompanhada de intensas modificações físicas, hormonais e emocionais, durante a adolescência o juvenil enfrenta significativos impactos que envolvem todos os aspectos de sua vida, sejam estes biológicos, psicológicos, sociais e/ou espirituais^{247,248}. Estes impactos afetam o jovem e todo o entorno com o qual ele se relaciona, isto é, a família, o contexto escolar (no início da fase da adolescência), o contexto acadêmico da universidade (no final da fase), como também a comunidade de fé que ele possa fazer parte. Neste interim, conhecer as variáveis psicológicas que influenciam os comportamentos das pessoas nesta etapa do desenvolvimento é de grande valor.

²⁴⁵ MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008.

²⁴⁶ MARTINEZ, E. Z. et al. Investigação das propriedades psicométricas do Duke Religious Index no âmbito da pesquisa em Saúde Coletiva. **Cad Saude Colet**, v. 22, n. 4, p. 419-27, 2014.

²⁴⁷ BOCK, 2004.

²⁴⁸ NETTO, 1976.

Como demonstrado a partir dos estudos de Baumgarten-Tramer²⁴⁹, a gratidão se desenvolve durante a infância e a adolescência, e é num contexto em que a religiosidade está recorrentemente presente, que esta virtude se insere com maior ênfase. Além disso, a gratidão está associada a uma variedade de aspectos salutareos, tais como o otimismo, o bem-estar, a esperança e o sentido de vida, características que estão associadas a uma menor incidência de episódios patológicos físicos e psicológicos²⁵⁰. Estas e outras considerações motivaram a realização do presente estudo.

Os resultados da pesquisa empírica, como já fora evidenciado, confirmam a existência de uma relação significativa entre a gratidão e a religiosidade na amostra de adolescentes, dado que já havia sido encontrado em trabalhos anteriores. Em outras palavras, este resultado indica que quando as pessoas consideram a experiência religiosa como um aspecto importante da vida, passam a valorizar mais as ações dos outros indivíduos, reconhecendo e conferindo um valor positivo às condutas benevolentes a elas destinadas²⁵¹.

Além disso, a gratidão assume um componente existencial. Por ser uma característica ligada à autotranscedência e à apreciação do belo e da própria experiência²⁵², fatores relacionados à religiosidade, depreende-se que pessoas mais gratas, de modo geral, sentem que suas vidas têm um propósito mais amplo, o que, para muitos, pode ser representado pelas convicções acerca de Deus. Nessa direção, a hipótese 1 elaborada no presente estudo foi confirmada.

Por outro lado, a hipótese 2 foi contemplada parcialmente, haja vista que o estudo empírico demonstrou que não houve diferença estatisticamente significativa para esta amostra de adolescentes homens e mulheres no tocante à gratidão. Considerando que gratidão e religiosidade estão inter-relacionadas, o entendimento deste resultado será facilitado pela discussão sobre envolvimento religioso que se fará a seguir. Antes de abordar os achados propriamente ditos, faz-se necessário prestar esclarecimentos sobre as três dimensões de religiosidade que foram

²⁴⁹ BAUMGARTEN-TRAMER, 1938.

²⁵⁰ PALUDO; KOLLER, 2006.

²⁵¹ WOOD, A. M. et al. A social-cognitive model of trait and state levels of gratitude. **Emotion**, v. 8, p. 281-290, 2008.

²⁵² SELIGMAN; STEEN; PARK; PETERSON, 2005.

consideradas aqui. Estas definições são estruturadas por Taunay et al.²⁵³ com base na obra de Koenig, McCullough e Larson²⁵⁴.

A religiosidade organizacional está relacionada à frequência a encontros religiosos, isto é, a ida a templos, missas, cultos, cerimônias, grupos de estudo religiosos ou de oração, entre outros. Este fator está predominantemente ligado a organizações institucionais religiosas.

Em contraste, a religiosidade não organizacional é um fator que diz respeito a atividades religiosas íntimas, privadas, como, por exemplo, orações, meditação, leitura de textos religiosos, ouvir ou assistir programas religiosos na mídia, entre outras práticas que representam o envolvimento sem que necessariamente a pessoa tenha que se dirigir até instituições religiosas.

A última dimensão tratada neste estudo é a religiosidade intrínseca, que remete à busca da vivência da religiosidade como objetivo do indivíduo. Pessoas que se orientam por este fator visam alcançar seus propósitos em consonância com os princípios religiosos básicos.

No que se refere especificamente à comparação entre os sexos na variável religiosidade, observou-se que somente a religiosidade intrínseca se apresenta como um componente que diferencia homens e mulheres. As questões que versam sobre religiosidade organizacional e não organizacional não apresentaram evidências significativas de que as pessoas do sexo masculino e feminino realizam práticas religiosas diferentemente.

Quando questionados em relação a frequência com que vão a uma igreja, templo ou outro encontro religioso, o maior percentual encontrado, para essa parcela da população, foi de 31,7%, que relataram frequentar duas a três vezes por mês. Em relação ao percentual que diz não frequentar, este foi de 14%, e os que relataram frequentar mais do que uma vez por semana representaram somente 3% da amostra. Estas estimativas de frequência demonstram que a religiosidade mais voltada a organizações sociais religiosas não é a mais priorizada pelos jovens adolescentes, tanto homens quanto mulheres.

No que diz respeito à dimensão da religiosidade não organizacional, as estatísticas descritivas de frequência demonstram que 42% dos adolescentes realizam práticas religiosas privadas (orações, meditação, leitura da bíblia etc.)

²⁵³ TAUNAY et al., 2012.

²⁵⁴ KOENIG; MCCULLOUGH; LARSON, 2001.

diariamente, enquanto 16% realizam raramente ou nunca, e 17,3% o fazem duas ou mais vezes por semana. Em relação às diferenças entre as médias dos homens e mulheres em RNO, esta se mostrou marginalmente significativa. Considerando uma escala de 1 a 6, que busca conhecer a frequência com que os indivíduos dedicam seu tempo a atividades religiosas individuais, os sujeitos do sexo masculino apresentaram média igual a 3,5, enquanto que para os do sexo feminino a média foi 4,0. Desse modo, os homens relataram realizar estas práticas uma vez por semana, ao passo que as mulheres afirmaram que por duas ou mais vezes durante o mesmo período.

Estes resultados são parcialmente apoiados pela literatura que trata da religiosidade, visto que o que se tem verificado é que as mulheres apresentam índices significativamente maiores do que os homens nos três domínios de religiosidade²⁵⁵. Entretanto, é necessário esclarecer que a maior religiosidade feminina não pode ser interpretada como uma “condição natural” da mulher, mas como resultado da influência de diversos aspectos sociais e culturais²⁵⁶.

As considerações que serão colocadas a seguir não são as únicas possibilidades de interpretação dos achados, mas julga-se que são algumas das sugestões de respostas mais pertinentes à questão da religiosidade organizacional, não organizacional, e, em menor grau, a religiosidade intrínseca no público adolescente. Desse modo, não se pretende esgotar o debate acerca da temática, mas apontar possíveis variáveis que podem explicar o fenômeno da religiosidade nessa fase da vida.

Apesar de alguns autores, a exemplo de Marques, Cerqueira-Santos e Dell’aglio²⁵⁷, afirmarem que a adolescência parece favorecer as experiências de cunho religioso, especialmente devido ao desenvolvimento do pensamento abstrato, especula-se que as evidências encontradas podem ser explicadas pela própria fase da vida.

A literatura tem apontado que as mulheres vão a templos religiosos mais frequentemente do que os homens, contudo, a maioria dos estudos têm em conta

²⁵⁵ DIAS, E. N. **Religiosidade e fatores associados**: um estudo com residentes na cidade de Itajubá, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

²⁵⁶ SOUZA, S. D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Horizonte**, v. 5, n. 9, p. 21-29, 2006.

²⁵⁷ MARQUES; CERQUEIRA-SANTOS; DELL’AGLIO, 2011.

amostras de adultos²⁵⁸, idosos²⁵⁹ ou pessoas com diferentes quadros clínicos e acometimentos físicos e/ou psicológicos^{260,261}, o que difere da parcela da população tida em conta nesta pesquisa.

Desse modo, a amostra de adolescentes assume especificidades próprias, que se voltam tanto para as mudanças sociais e relacionadas às crenças do jovem, quanto às mudanças contextuais, como, por exemplo, o ingresso no ensino superior e, conseqüentemente, as novas dificuldades e responsabilidades, o que demandará mais tempo e comprometimento do jovem com as questões de sua vida profissional. É válido ressaltar que as mudanças físicas, para o caso da amostra em questão, não são sugestivas, visto que os participantes deste estudo se encontram no final da adolescência.

Não obstante, confia-se que a imprecisão sobre a existência de Deus também seja um aspecto central que pode explicar os achados deste e de outros estudos com adolescentes. Por ser uma fase transicional, a adolescência pode sinalizar um certo desconforto quanto às crenças que perduraram até o momento, mesmo que estas tenham sido recorrentemente reforçadas durante a infância²⁶².

Como discute Becker²⁶³, a adolescência marca a “passagem de uma atitude de simples espectador para outra ativa, questionadora”. Logo, pode ser entendida como um “período de reorientação”, sendo a rebeldia, a oposição a valores estabelecidos e os conflitos familiares algumas das emoções vivenciadas durante a busca pela identidade e emancipação²⁶⁴.

Na sequência, é interessante trazer para o debate um dado localizado em estudo recente de Cres e seus colaboradores. Utilizando uma amostra de adultos, com idades variando entre 18 e 59 anos ($M = 36,5$; $DP = 11,5$), os autores buscaram caracterizar o perfil de religiosidade e estilo de vida dessa população e analisar a

²⁵⁸ CRES, M. R. et al. Religiosidade e estilo de vida de uma população adulta. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 28, n. 2, 2015.

²⁵⁹ DUARTE, F. M.; WANDERLEY, K. S. Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermaria geriátrica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 49-53, 2011.

²⁶⁰ PINHEIRO, M. C. P. et al. Influência da religiosidade na qualidade de vida de pacientes com transtorno afetivo bipolar. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo**, v. 57, n. 1, p. 19-24, 2012.

²⁶¹ GONÇALVES, F. P. **Avaliação da religiosidade e variáveis correlatas em pacientes com epilepsia do lobo temporal**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

²⁶² STRECK, 2006.

²⁶³ BECKER, D. **O que é adolescência**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, p. 16, 1987.

²⁶⁴ TEÓFILO, D. N.; JUNQUEIRA, S. **O desenvolvimento religioso dos adolescentes em conflito com a lei em Curitiba-PR**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

associação entre as variáveis. O Questionário de Religiosidade da Duke (DUREL) foi utilizado nesta pesquisa e o resultado é que ao se correlacionar idade, escolaridade e as três categorias de religiosidade, observou-se que a idade esteve relacionada positivamente com a religiosidade organizacional ($\rho = 0,156$; $p = 0,027$) e a escolaridade esteve inversamente relacionada com a religiosidade não organizacional ($\rho = -0,189$; $p = 0,011$)²⁶⁵.

Estes achados, juntamente com aqueles que já foram abordados, podem auxiliar no entendimento dos resultados do presente estudo. A pesquisa aqui desenvolvida teve em conta adolescentes recém ingressos no ensino superior, desse modo, os resultados que evidenciam baixos índices de religiosidade organizacional nessa amostra de homens e mulheres vão ao encontro daqueles encontrados por Cres e seus cols.²⁶⁵, haja vista que os adultos tendem a comparecer a encontros religiosos mais frequentemente que os jovens.

Na mesma trilha, a correlação inversa entre escolaridade e religiosidade não organizacional apurada no estudo de Cres et al. é um dado favorável à interpretação dos resultados que se apresentam, em razão de que a amostra tida em conta aqui é de indivíduos escolarizados, instruídos, inscritos no ensino superior. Apesar de na presente amostra 42% dos adolescentes afirmarem realizar preces, meditações e leitura da bíblia e outros textos religiosos, 58% o fazem em menor frequência. Nessa direção, pode-se afirmar que este dado vai ao encontro de outros evidenciados na literatura, tais como os de Dias²⁶⁶, que, a partir de múltiplas comparações, concluiu que pessoas com ensino fundamental apresentam maior RNO do que os com ensino médio e ensino superior.

Dando prosseguimento, observou-se que as mulheres apresentaram maior pontuação em comparação aos homens no que diz respeito a religiosidade intrínseca. Esse fator de religiosidade avalia (1) o quanto a pessoa sente a presença de Deus; (2) o quanto as crenças religiosas apoiam a maneira de a pessoa viver; e (3) o quanto a pessoa realiza esforços para vivenciar sua religião²⁶⁷.

O sexo feminino apresentou média de 4,2 para estes quesitos, enquanto o masculino pontuou em torno de 3,7, considerando uma escala de resposta que varia entre 1 e 5 e avalia o grau em que as assertivas representam ou não o cotidiano da

²⁶⁵ CRES et al., 2015.

²⁶⁶ DIAS, 2012.

²⁶⁷ MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008.

pessoa. A diferença significativa nesta amostra corrobora os achados de diferentes pesquisas que avaliam as disparidades entre homens e mulheres no tangente à religiosidade. Dias²⁶⁸, por exemplo, a partir de seu estudo com 600 participantes, concebe que pessoas do sexo feminino têm 2,11 vezes mais chances de ter maior religiosidade intrínseca do que as do sexo masculino.

A religiosidade intrínseca está vinculada a uma busca da pessoa religiosa por harmonizar seus interesses, objetivos e crenças. Essa dimensão representa a vivência da religiosidade, posto que estas pessoas, de modo geral, se esforçam para internalizar os propósitos religiosos, aplicando-os em seu cotidiano. A RI, portanto, associa-se aos aspectos psicológicos da religiosidade, isto é, às crenças, valores e atitudes relativos à experiência religiosa²⁶⁹.

Tendo isso em conta, atribui-se o fato de as mulheres apresentarem melhores índices de religiosidade intrínseca à aspectos eminentemente culturais. Em praticamente todas as sociedades, o homem sempre assumiu um papel mais voltado a questões racionais, concretas, instrumentais, que remetem a valores de natureza materialista ou material. Na socialização das mulheres, por outro lado, historicamente foram priorizados princípios associados às relações, ao contato interpessoal, à amabilidade com os outros, à harmonia^{269,270}, aspectos que podem assumir ponderada ligação com a religiosidade ou, pelo menos, que podem oferecer uma interpretação inconclusiva sobre os resultados mais significativos sobre religiosidade serem encontrados predominantemente na população feminina.

²⁶⁸ DIAS, 2012.

²⁶⁹ FORMIGA, N. S.; CAMINO, L. A dimensão do Inventário de Papéis Sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 18, n. 2, p. 41-49, 2001.

²⁷⁰ SILVA, D. L. **Traços de personalidade e religião**: meio rural versus meio urbano [dissertação]. Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Faculdade de Psicologia, Lisboa, 2010.

CONCLUSÃO

Estudar a relação entre os fenômenos psicológicos permite o entendimento de diversas questões vivenciadas no cotidiano. Além disso, favorece o planejamento de intervenções capazes de atuar na modificação de condutas não saudáveis que são comuns durante a fase da adolescência. Nesse sentido, o conhecimento das teorias e da aplicabilidade da Psicologia Positiva pode ser auxiliar, visto que é uma proposta inovadora que tem oferecido contribuições significativas para o melhoramento dos indivíduos e das relações em sociedade.

À nível micro, a família é considerada a primeira e fundamental instituição em que o indivíduo se defronta. Através dela é possível desenvolver as primeiras noções de empatia, civilidade, confiança, como também de religiosidade. Logo, torna-se pertinente afirmar que o seio familiar é a base para a valorização dos aspectos positivos dos seres humanos, e, juntamente com a comunidade de fé, pode favorecer o desenvolvimento religioso e a construção da identidade social do adolescente, forjar importantes valores relacionados ao afeto e ao sentido da vida, bem como estimular a prática do agradecimento.

A despeito das contribuições deste trabalho para a literatura, não se pode negligenciar limitações potenciais, especialmente no que se refere à amostra empírica. Além de reduzida, a amostra utilizada foi de conveniência e não probabilística, o que impede a generalização dos resultados obtidos para além do escopo do presente estudo. Contudo, não houve pretensão de generalizar os achados; buscou-se apenas verificar a relação entre gratidão e religiosidade para essa parcela de adolescentes. Considera-se que o objetivo proposto foi alcançado.

Faz-se necessário, então, que novas investigações sejam realizadas, tendo em conta amostras maiores e de diferentes universidades, públicas e privadas, a fim de observar se os padrões de religiosidade e gratidão se mantêm ou se modificam durante a adolescência. Nesse caso, as informações sociodemográficas, tais como idade, sexo, estado civil e religião, poderiam ser melhor avaliadas, sendo também uma possibilidade comparar as médias de jovens no início, meio e fim de seus cursos, o que compreende o começo da adolescência e o início da fase adulta. É interessante que outras variáveis sejam incluídas em pesquisas posteriores, de modo a diversificar e ampliar as possibilidades de correlações a serem encontradas.

Ademais, para empreendimentos futuros, sugere-se considerar análises de regressão, buscando verificar se a gratidão pode ser predita pela religiosidade.

Os achados anteriores somados aos resultados do presente estudo permitem admitir que o incentivo à gratidão em adolescentes é válido, haja vista os maiores níveis de bem-estar psicológico, o melhoramento da qualidade das relações sociais e o aumento da satisfação com a vida. Diante deste quadro, confia-se ter contribuído para a literatura sobre a gratidão e a religiosidade. Ademais, espera-se que este trabalho possa suscitar novos questionamentos a respeito do tema e auxiliar no desenvolvimento de outras pesquisas sobre a adolescência.

REFERÊNCIAS

- ALARCÓN, R. Construcción y Valores Psicométricos de una Escala Para Medir la Gratitude. **Acta de Investigación Psicológica**, v. 4, n. 2, p. 1520-1534, 2014.
- ALGOE, S. B.; HAIDT, J.; GABLE, S. L. Beyond reciprocity: Gratitude and relationships in everyday life. **Emotion**, v. 8, n. 3, p. 425-429, 2008.
- ANTAL, B. **Psicologia da religião**. São Paulo: Loyola, 1981.
- ANTONIAZZI, A. S.; DELL'AGLIO, D. D.; BANDEIRA, D. R. **O conceito de coping: uma revisão teórica**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1998.
- AQUINO, T. A. A. Atitude religiosa e crenças dos alunos de psicologia. **Revista do Unipê**, 2005. p. 56-63.
- _____. **Atitudes e intenções de cometer suicídio: seus correlatos existenciais e normativos**. Tese de Doutorado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2009.
- AQUINO, T. A. A. et al. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009.
- AQUINO, T. A. A. et al. Escala de Atitudes Religiosas, versão expandida (EAR-20): Evidências de Validade. **Avaliação Psicológica**, 2013. p. 109-119.
- ARAGÓ MITJANS, J. M. **Psicologia evolutivo do niño**. Barcelona: Herder, 1965.
- ÁVILA, A. **Para conhecer a psicologia da religião**. Edições Loyola, 2007.
- BABIN, P. **Dios y el adolescente**. Barcelona: Herder, 1968.
- BARTLETT, M. Y.; DESTENO, D. Gratitude and prosocial behavior helping when it costs you. **Psychological Science**, v. 17, n. 4, p. 319-325, 2006.
- BAUMGARTEN-TRAMER, F. "Gratefulness" in children and young people. **Journal of Genetic Psychology**, v. 53, p. 53-66, 1938.
- BECK, A. T. **Cognitive therapy and the emotional disorders**. Oxford, England: International Universities Press, 1976.
- BECKER, D. **O que é adolescência**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BELZEN, J. A. Methodological concerns in the psychology of religion: continuities, losses and transforming perspectives. **Religion**, v. 35, p. 137-165, 2005.
- BENSON, P. L.; ROEHLKEPARTAIN, E. C.; RUDE, S. P. Spiritual development in childhood and adolescence: Toward a field of inquiry. **Applied Developmental Science**, v. 7, n. 3, p. 205-213, 2003.

BERNABÉ-VALERO, G.; GARCÍA-ALANDETE, J.; GALLEGÓ-PÉREZ, J. F. Construcción de un cuestionario para la evaluación de la gratitud: el Cuestionario de Gratitud-20 ítems (G-20). **Anales de Psicología**, v. 30, p. 278-286, 2014.

BERRY, J. W. et al. Forgivingness, vengeful rumination, and affective traits. **Journal of Personality**, v. 73, p. 183-226, 2005.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos Cedes**, v. 24, n. 62, p. 26-43, 2004.

BONO, G.; EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. Gratitude in practice and the practice of gratitude. **Positive psychology in practice**, p. 464-481, 2004.

BONO, G.; MCCULLOUGH, M. E.; ROOT, L. M. Forgiveness, feeling connected to others, and well-being: Two longitudinal studies. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 34, n. 2, p. 182-195, 2008.

BOVET, P. **El sentimiento religioso y a psicología dei nino**. Buenos Aires: Psique, 1975.

BREEN, W. E. et al. Gratitude and forgiveness: Convergence and divergence on self-report and informant ratings. **Personality and Individual Differences**, v. 49, n. 8, p. 932-937, 2010.

BROWN, R. P. Measuring individual differences in the tendency to forgive: Construct validity and links with depression. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 29, n. 6, p. 759-771, 2003.

CAPRARA, G. V.; ALESSANDRI, G.; BARBARANELLI, C. Optimal functioning: The contribution of self-efficacy beliefs to positive orientation. **Psychotherapy and Psychosomatics**, v. 79, p. 328-330, 2010.

CARRIÓN, L. **Querido señor Dios... (Cartas a Dios de los niños españoles)**. Madrid, 1976.

CARVER, C. S.; SCHEIER, M. F.; SEGERSTROM, S. C. Optimism. **Clinical Psychology Review**, v. 30, n. 7, p. 879-889, 2010.

CASTRO, F. M. P. et al. Deve-se retribuir? Gratidão e dívida simbólica na infância. **Estudos de Psicologia**, v. 16, p. 77-82, 2011.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 1997.

CHEN, L. H., et al. Validation of the Gratitude Questionnaire (GQ) in Taiwanese undergraduate students. **Journal of happiness Studies**, v. 10, p. 655-664, 2009.

COSTA, P. T. J.; MCCRAE, R. R. Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. **Journal of Personality Assessment**, v. 64, p. 21-50, 1995.

CRES, M. R. et al. Religiosidade e estilo de vida de uma população adulta. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 28, n. 2, 2015.

CURCIO, C. S. S. et al. **Validação da Versão em português da Brief Multidimensional Measure of Religiousness/Spirituality ou Medida Multidimensional Breve de Religiosidade/Espiritualidade (BMMRS-P)**. 2012.

DAVID, A. **O desenvolvimento religioso no processo formador da identidade social-religiosa na adolescência**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2014.

DIAS, E. N. **Religiosidade e fatores associados**: um estudo com residentes na cidade de Itajubá, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem na Saúde do Adulto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DIENER, E. et al. The satisfaction with life scale. **Journal of Personality Assessment**, v. 49, p. 71-75, 1985.

DIENER, E. The remarkable changes in the science of subjective well-being. **Perspectives on Psychological Science**, v. 8, n. 6, p. 663-666, 2013.

DIERKEN, J. Teologia, ciência da religião e filosofia da religião: definindo suas relações. **Numen**, v. 12, n. 1 e 2, 2011.

DINIZ, A. C.; AQUINO, T. A. A. A relação da religiosidade com as visões de morte. **Revista Religare**, 2009.

DUARTE, F. M.; WANDERLEY, K. S. Religião e espiritualidade de idosos internados em uma enfermaria geriátrica. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 27, n. 1, p. 49-53, 2011.

ELKINS, D. E. **Além da religião**. São Paulo: Editora Pensamento, 1998.

ELKINS, D. N. et al. Toward a humanistic-phenomenological spirituality definition, description, and measurement. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 28, n. 4, p. 5-18, 1988.

EMMONS, R. A. The Psychology of gratitude: an introduction. Em EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. (Orgs), **The Psychology of Gratitude**. London: Oxford University Press, 2004. p 3-16.

EMMONS, R. A.; CRUMPLER, C. A. Gratitude as a human strength: Appraising the evidence. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 19, 2000.

EMMONS, R. A.; PALOUTZIAN, R. F. The psychology of religion. **Annu Rev Psychol**, v. 54, p. 377-402, 2003.

EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. Counting blessings versus burdens: An experimental investigation of gratitude and subjective well-being in daily life. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 84, p. 377-389, 2003.

FALCONE, E. M. O. et al. Inventário de Empatia (IE): desenvolvimento e validação de uma medida brasileira. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 3, p. 321-334, 2008.

FARIA, J. B.; SEIDL, E. M. F. Religiosidade e enfrentamento em contextos de saúde e doença: revisão da literatura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 18, n. 3, p. 381-389, 2005.

FARROW, T. F. D. et al. Investigating the functional anatomy of empathy and forgiveness. **Neuroreport**, v. 12, n. 11, p. 2433-2438, 2001.

FINCHAM, F. D.; PALEARI, F.; REGALIA, C. Forgiveness in marriage: The role of relationship quality, attributions, and empathy. **Personal Relationships**, v. 9, p. 27-37, 2002.

FIZZOTTI, E. **Psicologia dell'atteggiamento religioso: percorsi e prospettive**. Roma: Edizioni Erickson, 2006.

FORMIGA, N. S.; CAMINO, L. A dimensão do Inventário de Papéis Sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 18, n. 2, p. 41-49, 2001.

FOWLER, J. W. **Estágios da fé: A psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

FRANKL, V. E. **A questão do sentido em psicoterapia**. Tradução de J. Mitre. Campinas: Papirus, 1990. (Trabalho original publicado em 1981).

_____. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de W. O. Schlupp e H. H. Reinhold. São Leopoldo: Sinodal, Vozes, 1992. Trabalho original publicado em 1988.

_____. **El hombre en busca del sentido último: el análisis existencial y la consciencia espiritual del ser humano**. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós, 1999.

FREDRICKSON, B. L. Positive emotions broaden and build. **Advances in Experimental Social Psychology**, v. 47, p. 1-53, 2013.

_____. **Positivity: Groundbreaking research reveals how to embrace the hidden strength of positive emotions, overcome negativity, and thrive**. New York: Crown, 2009.

FREITAS, L. B. L.; SILVEIRA, P. G.; PIETA, M. A. M. Sentimento de gratidão em crianças de 5 a 12 anos. **Psicologia em estudo**, v. 14, p. 243-250, 2009.

FULLER, R. C. **Spiritual, but not religious: Understanding unchurched America**. Oxford University Press, 2001.

FURROW, J. L.; KING, P. E.; WHITE, K. Religion and positive youth development: Identity, meaning, and prosocial concerns. **Applied Developmental Science**, 2004. p. 17-26.

GABLE, S.; HAIDT, J. What (and Why) is positive psychology?. **Review of General Psychology**, v. 9, n. 2, p. 103-110, 2005.

_____. Positive psychology. **Review of General Psychology**, v. 9, p. 1089-2680, 2005.

GODIN, A. **Adulto y niño ante Dios**. Salamanca: Sigueme, 1968.

GONÇALVES, F. P. **Avaliação da religiosidade e variáveis correlatas em pacientes com epilepsia do lobo temporal**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Neurociências, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

GONZÁLEZ, R. G. College student spirituality at a Hispanic serving institution. **Journal of College & Character**, v. 9, n. 4, p. 1-26, 2008.

GOOD, M.; WILLOUGHBY, T. Adolescence as a sensitive period for spiritual development. **Child Development Perspectives**, v. 2, p. 32-37, 2008.

GOUVEIA, V. V. **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo: Una comparación intra e intercultural**. 1998.

_____. A natureza motivacional dos valores humanos: Evidências acerca de uma nova tipologia. **Estudos de Psicologia**, 2003. p. 431-443.

GOUVEIA, V. V. et al. Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. **Revista de Administração Mackenzie**, 2009.

GRAHAM, S.; BARKER, G. P. The down side of help: An attributional developmental analysis of helping behavior as low-ability cue. **Journal of Educational Psychology**, v. 82, p. 7-14, 1990.

HALL, G. S. **Adolescence: Its Psychology and Its Relations to Physiology, Anthropology, Sociology, Sex, Crime, Religion and Education**. Appleton, New York, 1904.

HALMAN, L.; DRAULANS, V. How secular is Europe?. **The British Journal of Sociology**, 2006. p. 263-288.

HARRISON, M. et al. The epidemiology of religious coping: A review of recent literature. **International Review of Psychiatry**, v. 13, n. 2, p. 86-93, 2001.

HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo, SP: Cia. Das Letras, 2000.

HILL, P. C. et al. Conceptualizing religion and spirituality: Points of commonality, points of departure. **Journal for the theory of social behaviour**, v. 30, n. 1, p. 51-77, 2000.

HLAVA, P.; ELFERS, J.; OFFRINGA, R. A transcendent view of gratitude: The transpersonal gratitude scale. **International Journal of Transpersonal Studies**, v. 33, p. 1-14, 2014.

HOGUE, R. A validated intrinsic religious motivation scale. **Journal for the Scientific Study of Religion**, 1972. p. 369-376.

HOPKINS, G. L. et al. Developing healthy kids in healthy communities: eight evidence-based strategies for preventing high-risk behaviour. **Medical Journal of Australia**, 2007.

JANS-BEKEN, L. et al. Measuring Gratitude: A Comparative Validation of the Dutch Gratitude Questionnaire (GQ6) and Short Gratitude, Resentment, and Appreciation Test (SGRAT). **Psychologica Belgica**, v. 55, p. 19-31, 2015.

JAYAWICKREME, E.; PAWELSKI, J. O. Positivity and the capabilities approach. **Philosophical Psychology**, 2012.

JUNG, C. G. **Psychologie et religion**. Paris: Buchet-Chastel/Córrea, 1958.

KARREMANS, J. C. et al. When forgiving enhances psychological well-being: the role of interpersonal commitment. **Journal of Personality and Social Psychology**, 2003.

KING, P. E. Religion and identity: The role of ideological, social, and spiritual contexts. **Applied Developmental Science**, v. 7, n. 3, p. 197-204, 2006.

KNOBEL, M. A síndrome da adolescência normal. In: **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**, p. 24-59, 1981.

KOENIG, H.; PARKERSON, G R.; MEADOR, K. G. Religion index for psychiatric research. **American Journal of Psychiatry**, 1997. p. 885-886.

KOENIG, H. G.; MCCULLOUGH, M.; LARSON, D. B. **Handbook of religion and health: a century of research reviewed**. New York: Oxford University Press, 2001.

KRAUSE, N. Religion, aging, and health: exploring new frontiers in medical care. **Southern Medical Journal**, 2004. p. 1215-1223.

LANGER, Á. I. et al. Validation of a Spanish translation of the Gratitude Questionnaire (GQ-6) with a Chilean sample of adults and high schoolers. **Health and quality of life outcomes**, v. 14, p. 1-19, 2016.

LARSON, R. Toward a psychology of positive youth development. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 170-183, 2000.

LAZARUS, R. S. **Emotion and adaptation**. New York: Oxford University Press, 1991.

LENCASTRE, M. P. A. Bondade, Altruísmo e Cooperação. Considerações evolutivas para a educação e a ética ambiental. **Revista Lusófona de Educação**, v. 15, p. 113-124, 2010.

LEVIN, J. S.; CHATTERS, L. M. Religion, health, and psychological well-being in older adults findings from three national surveys. **Journal of Aging and Health**, 1998. p. 504-531.

LUKOFF, D.; LU, F.; TURNER, R. Toward a more culturally sensitive DSM-IV: Psychoreligious and psychospiritual problems. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v. 180, n. 11, p. 673-682, 1992.

LYUBOMIRSKY, S.; LEPPER, H. S. A measure of subjective happiness: Preliminary reliability and construct validation. **Social Indicators Research**, v. 46, p. 137-155, 1999.

LYUBOMIRSKY, S.; SHELDON, K. M.; SCHKADE, D. Pursuing happiness: The architecture of sustainable change. **Review of general psychology**, 2005.

MACASKILL, A.; MALTBY, J.; DAY, L. Forgiveness of self and others and emotional empathy. **The Journal of Social Psychology**, v. 142, n. 5, p. 663-665, 2002.

MALTBY, J.; DAY, L.; BARBER, L. Forgiveness and happiness. The differing contexts of forgiveness using the distinction between hedonic and eudaimonic happiness. **Journal of Happiness Studies**, v. 6, p. 1-13, 2005.

MARQUES, L. F. O conceito de espiritualidade e sua interface com a religiosidade e a Psicologia Positiva. **Psicodebate**, v. 10, p. 135-152, 2010.

MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. **Adolescência e juventude: vulnerabilidade e contextos de proteção**, 2011. p. 77-108.

MARQUES, L. F.; SARRIERA, J. C.; DELL'AGLIO, D. D. Adaptação e validação da Escala de Bem-estar Espiritual (EBE): Adaptation and validation of Spiritual Well-Being Scale (SWS). **Avaliação Psicológica**, 2009. p. 179-186.

MARTINEZ, E. Z. et al. Investigação das propriedades psicométricas do Duke Religious Index no âmbito da pesquisa em Saúde Coletiva. **Cad Saude Colet**, v. 22, n. 4, p. 419-27, 2014.

MASSIMI, M.; MAHFOUD, M. Abordagens psicológicas à experiência religiosa: traçando a história. In: **Anais do Seminário A Psicologia e o Senso Religioso**. Ribeirão Preto, SP: Salus, 1997. p. 43-57.

MASTEN, A. S. Ordinary magic: resilience processes in development. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 227-238, 2001.

MATTIS, J. S.; JAGERS, R. J. A relational framework for the study of religiosity and spirituality in the lives of African Americans. **Journal of Community Psychology**, v. 29, n. 5, p. 519-539, 2001.

MENÉNDEZ, M. A. Religiosidade e valores em Portugal: comparação com a Espanha e a Europa católica. **Análise Social**, 2007. p. 757-787.

MCCRAE, R. R.; JOHN, O. P. An introduction to the five-factor model and its applications. **Journal of Personality**, v. 60, n. 2, p. 175-215, 1992.

MCCRATY, R., et al. The effects of emotion on short term heart rate variability using power spectrum analysis. **American Journal of Cardiology**, v. 76, n. 14, p. 1089-1093, 1995.

MCCULLOUGH, M. E. et al. Is gratitude a moral affect?. **Psychological Bulletin**, 2001.

MCCULLOUGH, M. E. Forgiveness as human strength: Theory, measurement, and links to well-being. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 19, 2000.

_____. Savoring life, past and present: explaining what hope and gratitude share in common. **Psychological inquiry**, v. 13, p. 302-304, 2002.

MCCULLOUGH, M. E.; EMMONS, R. A.; TSANG, J. A. The grateful disposition: a conceptual and empirical topography. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 82, p. 112-127, 2002.

MCCULLOUGH, M. E.; KILPATRICK, S. D.; EMMONS, R. A.; LARSON, D. B. Is gratitude a moral affect?. **Psychological Bulletin**, v. 127, p. 249-266, 2001.

MCCULLOUGH, M. E.; TSANG, J.; EMMONS, R. A. Gratitude in intermediate affective terrain: links of grateful moods to individual differences and daily emotional experience. **Journal of Personality and Social Psychology**, 2004.

MILLER, W. R.; THORESEN, C. E. Spirituality, religion, and health: An emerging research field. **American Psychologist**, v. 58, n. 1, p. 24-35, 2003.

MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2010. p. 12-5.

MOREIRA-ALMEIDA, A. et al. Versão em português da Escala de Religiosidade da Duke – DUREL. **Revista de Psiquiatria Clínica**, 2008. p. 31-32.

MYERS, D. G. The funds, friends, and faith of happy people. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 56-67, 2000.

NELSON, S. K.; LYUBOMIRSKY, S. Gratitude. In: Friedman, H. S. (Ed.), **Encyclopedia of Mental Health**. Waltham, MA: Academic Press, 2016. p. 277-280.
NETTO, S. P. **Psicologia da adolescência**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1976.

ODOU, N.; VELLA-BRODRICK, D. A. The efficacy of Positive Psychology interventions to increase well-being and the role of mental imagery ability. **Social Indicators Research**, v. 110, p. 111-129, 2013.

OLIVEIRA, J. H. B. Perdão e felicidade: uma abordagem intercultural. **Intercultural**, v. 7, n. 2, p. 283-312, 2003.

OLIVEIRA, I. C. V. **Medindo a Personalidade Virtuosa**: elaboração, evidências psicométricas e correlatos. Tese de Doutorado não publicada. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

PACICO, J. C.; BASTIANELLO, M. R. As origens da psicologia positiva e os primeiros estudos brasileiros. In: HUTZ, C. S. **Avaliação em Psicologia Positiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014. p. 13-21.

PALOUTZIAN, R.; ELLISON, C. Loneliness, spiritual well-being, and quality of life. In: POPLAR, I; PERLMAN, D. (Eds), **Loneliness: A sourcebook of current theory, research and therapy**, 1982.

PALUDO, S. S. **Emoções morais e gratidão**: uma nova perspectiva sobre o desenvolvimento de jovens que vivem em situação de risco pessoal e social. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2008.

PALUDO, S. S.; KOLLER, S. H. Psicologia Positiva: uma nova abordagem para antigas questões. **Paidéia**: cadernos de educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, v. 17, n. 36, p. 9-20, 2007.

_____. Gratidão em contextos de risco: uma relação possível?. **Revista Psicodebate Psicologia, Cultura y Sociedad**, v. 7, p. 55-66, 2006.

PANZINI, R. G.; BANDEIRA, D. R. Escala de coping religioso-espiritual (Escala CRE): elaboração e validação de construto. **Psicologia em estudo**, 2005, 507-516.

PARGAMENT, K. **The psychology of religion and coping**: theory, research, practice. New York: Guilford Press, 1997.

PERES, J. F. P.; SIMÃO, M. J. P.; NASELLO, A. G. Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, v. 34, p. 136-145, 2007.

PIETA, M. A. M. **A expressão do sentimento de gratidão**: um estudo com crianças e adolescentes escolares de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre/RS, 2009.

PINHEIRO, M. C. P. et al. Influência da religiosidade na qualidade de vida de pacientes com transtorno afetivo bipolar. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo**, v. 57, n. 1, p. 19-24, 2012.

PINTOS, C. G. **Un hombre llamado Viktor**. Buenos Aires: San Pablo, 2007.

RASHID, T. Positive interventions in clinical practice. **Journal of Clinical Psychology**, v. 65, n. 5, p. 461-466, 2009.

RESENDE, C.; SENDAS, S.; MAIA, Â. Estudo das características psicométricas do Posttraumatic Growth Inventory – PTGI – (Inventário de Crescimento Pós-Traumático) para a população portuguesa. In: NORONHA, A.; MACHADO, C.; ALMEIDA, L.; GONÇALVES, M.; MARTINS, S.; RAMALHO, V. (Eds.), **XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica**: Formas e contextos. Braga, Portugal: Psiquilibrios Edições, 2008. p. 1-16.

RIBEIRO, M. G. C. **Questionário de Gratidão (QG-6)**: evidências de validade e consistência interna. Trabalho de Conclusão de Curso não publicado. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

RICH, G. J. Positive psychology: An introduction. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 41, p. 8-12, 2001.

RODRÍGUEZ DE ECHEVARRÍA, G. **El adolescente español**. Salamanca: Sigueme, 1974.

ROEHLKEPARTAIN, E. C. et al. Spiritual development in childhood and adolescence: moving to the scientific mainstream. In: ROEHLKEPARTAIN, E. C. et al. (Eds.), **The handbook of spiritual development in childhood and adolescence**. Thousand Oaks: Sage, 2006.

ROSENBERG, M. **Society and the Adolescent Self-image**. Princeton, Princeton University Press, 1965.

ROSS, M. G. **Religious beliefs of youth**. New York: Association, 1950.

SANTOS, W. S., et al. A influência dos valores humanos no compromisso religioso. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2012. p. 285-292.

SAROGLOU, V.; DELPIERRE, V.; DERNELLE, R. Values and religiosity: A meta-analysis of studies using Schwartz's model. **Personality and individual differences**, 2004. p. 721-734.

SCHWARTZ, B. The social psychology of the gift. **American Journal of Sociology**, v. 73, p. 1-11, 1967.

SCHWARTZ, S. H. Are there universal aspects in the structure and contents of human values?. **Journal of Social Issues**, 1994. p. 19-45.

SCHWARTZ, S. H.; HUISMANS, S. Value priorities and religiosity in four western religions. **Social Psychology Quarterly**, 1995. p. 88-107.

SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, v. 55, p. 5-14, 2000.

SELIGMAN, M. E. P. Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In: SNYDER, C.R.; LOPEZ, S. J. (Eds.). **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 3-9.

_____. Foreword: The past and future of positive psychology. In: KEYES, C. L. M.; HAIDT, J. (Eds.). **Flourishing: Positive psychology and the life well-lived**. Washington DC: American Psychological Association, 2003. p. 11-20.

_____. **Felicidade autêntica**. Editora Objetiva, 2004.

SELIGMAN, M. E. P.; STEEN, T. A.; PARK, N.; PETERSON, C. Positive Psychology progress: Empirical validation of intervention. **American Psychologist**, v. 60, n. 5, p. 410-421, 2005.

SIEGEL, K.; ANDERMAN, S. J.; SCHRIMSHAW, E. W. Religion and coping with health-related stress. **Psychology and Health**, v. 16, n. 6, p. 631-653, 2001.

SILVA, D. L. **Traços de personalidade e religião: meio rural versus meio urbano** [dissertação]. Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias, Faculdade de Psicologia, Lisboa, 2010.

SIMMEL, G. **The sociology of Georg Simmel**. Glencoe, IL: Free Press, 1950.

SHELDON, K. M.; KING, L. Why positive psychology is necessary. **American Psychologist**, v. 56, n. 3, p. 216-217, 2001.

SMITH, C. et al. Mapping American adolescent subjective religiosity and attitudes of alienation toward religion: A research report. **Sociology of Religion**, 2003. p. 11-123.

SMITH, C.; DENTON, M. L. **Soul searching: the religious and spiritual lives of American teenagers**. New York: Oxford University Press, 2005.

SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. **Psicologia Positiva: Uma abordagem científica e prática das qualidades humanas** (Tradução de Costa, R. C.). São Paulo: Artmed, 2009.

SNYDER, C. R.; RAND, K. L.; SIGMON, D. R. Hope theory: A member of the positive psychology family. In: SNYDER, C. R.; LOPEZ, S. J. (Eds.), **Handbook of positive psychology**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 257-276.

SOUZA, S. D. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Horizonte**, v. 5, n. 9, p. 21-29, 2006.

STRECK, G. I. W. Adolescentes e religiosidade: aportes para o Ensino Religioso na escola. **Estudos Teológicos**, v. 2, p. 60-73, 2006.

TAUNAY, T. C. D. et al. Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). **Rev Psiq Clín**, v. 39, n. 4, p. 130-135, 2012.

TEÓFILO, D. N.; JUNQUEIRA, S. **O desenvolvimento religioso dos adolescentes em conflito com a lei em Curitiba-PR**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011.

TOUSSAINT, L.; FRIEDMAN, P. Forgiveness, gratitude, and well-being: the mediating role of affect and beliefs. **Journal of Happiness Studies**, v. 10, n. 6, p. 635-654, 2009.

TRIVERS, R. L. The evolution of reciprocal altruism. **Quarterly Review of Biology**, v. 46, p. 35-57, 1971.

TSANG, J. A.; MCCULLOUGH, M. C. Annotated bibliography of psychological research on gratitude. In: EMMONS, R. A.; MCCULLOUGH, M. E. (Eds.), **The psychology of gratitude**. New York: Oxford University Press, 2004. p. 291-341.

TSANG, J. The effects of helper intention on gratitude and indebtedness. **Motivation and Emotion**, v. 30, n. 3, p. 198-204, 2006.

WAGENER, L. M., et al. Religious involvement and developmental resources in youth. **Review of religious research**, 2003. p. 271-284.

WATKINS, P. C. et al. Gratitude and happiness: Development of a measure of gratitude, and relationships with subjective well-being. **Social Behavior And Personality: An International Journal**, v. 31, n. 5, p. 431-451, 2003.

WATKINS, P. C. Gratitude and Subjective Well-Being. **The psychology of gratitude**, 2004.

WERNER, E. E. What can we learn about resilience from large-scale longitudinal studies? In: GOLDSTEIN, S.; BROOKS, R. B. (Eds.), **Handbook of Resilience in Children** (2 ed.), New York: Springer, 2013.

WINNER, E. The origins and ends of giftedness. **American Psychologist**, v. 55, n. 1, p. 159-169, 2000.

WOOD, A. M. et al. A social-cognitive model of trait and state levels of gratitude. **Emotion**, v. 8, p. 281-290, 2008.

WOOD, A. M.; FROH, J. J.; GERAGHTY, A. W. A. Gratitude and well-being: A review and theoretical integration. **Clinical psychology review**, v. 30, n. 7, p. 890-905, 2010.

WOOD, A. M.; JOSEPH, S.; LINLEY, P. A. Coping style as a psychological resource of grateful people. **Journal of Social and Clinical Psychology**, v. 26, n. 9, p. 1076-1093, 2007.

WOOD, A. M.; JOSEPH, S.; MALTBY, J. Gratitude predicts psychological well-being above the big five facets. **Personality and Individual Differences**, v. 46, n. 4, p. 443-447, 2009.

_____. Gratitude uniquely predicts satisfaction with life: Incremental validity above the domains and facets of the five factor model. **Personality and Individual Differences**, v. 45, p. 49-54, 2008.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB)**. Report on WHO consultation, Division of Mental Health and Prevention of substance abuse. Geneva, 1998.

WORTHINGTON, E. L.; SCHERER, M. Forgiveness is an emotion-focused coping strategy that can reduce health risks and promote health resilience: Theory, review, and hypotheses. **Psychology & Health**, v. 19, n. 3, p. 385-405, 2004.

YÜKSEL, A.; OGUZ DURAN, N. Turkish Adaptation of the Gratitude Questionnaire. **Eurasian Journal of Educational Research**, v. 46, p. 199-215, 2012.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 80-95, 2003.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Gostaríamos de conhecê-lo um pouco mais. Nesse sentido, pedimos que responda as perguntas a seguir:

1. Idade: _____
2. Sexo: Masculino Feminino
3. Estado civil: Solteiro Casado/União estável Separado/Divorciado
 Viúvo
4. Religião: Católica Evangélica Espírita Não possui religião
 Outra: _____
5. Em que medida você se considera religioso? (**Circule um número**)

1	2	3	4	5
Nada religioso	Pouco religioso	Medianamente religioso	Muito religioso	Totalmente religioso

6. Curso de Graduação: _____
7. Semestre: _____
8. Em comparação com as pessoas da cidade em que vive, você se considera de qual classe social? (**Circule um número**)

1	2	3	4	5
Classe baixa	Classe média baixa	Classe média	Classe média alta	Classe alta

ANEXO I – QUESTIONÁRIO DE GRATIDÃO

(MCCULLOUGH; EMMONS, 2002)

Utilizando a escala abaixo como um guia, escreva um número ao lado de cada declaração para indicar o quanto você concorda com a mesma.

1	Discordo totalmente
2	Discordo
3	Discordo ligeiramente
4	Neutro
5	Concordo ligeiramente
6	Concordo
7	Concordo totalmente

- ____ 1. Eu tenho muita coisa na vida para ser grato.
- ____ 2. Se eu tivesse que listar tudo pelo que eu sou grato, seria uma lista muito longa.
- ____ 3. Quando eu olho para o mundo, não vejo muitos motivos para ser grato.
- ____ 4. Sou grato a uma ampla variedade de pessoas.
- ____ 5. À medida que envelheço eu encontro-me mais capaz de apreciar as pessoas, os eventos e as situações que têm sido parte da minha história de vida.
- ____ 6. Pode passar um longo período de tempo antes de eu me sentir grato a algo ou alguém.

ANEXO II – ESCALA DE RELIGIOSIDADE DA DUKE – DUREL

(MOREIRA-ALMEIDA et al., 2008)

1. Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso?

- (1) Mais do que uma vez por semana
- (2) Uma vez por semana
- (3) Duas a três vezes por mês
- (4) Algumas vezes por ano
- (5) Uma vez por ano ou menos
- (6) Nunca

2. Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?

- (1) Mais do que uma vez ao dia
- (2) Diariamente
- (3) Duas ou mais vezes por semana
- (4) Uma vez por semana
- (5) Poucas vezes por mês
- (6) Raramente ou nunca

3. Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).

- (1) Totalmente verdade para mim
- (2) Em geral é verdade
- (3) Não estou certo
- (4) Em geral não é verdade
- (5) Não é verdade

4. As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.

- (1) Totalmente verdade para mim
- (2) Em geral é verdade
- (3) Não estou certo
- (4) Em geral não é verdade
- (5) Não é verdade

5. Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.

- (1) Totalmente verdade para mim
- (2) Em geral é verdade
- (3) Não estou certo
- (4) Em geral não é verdade
- (5) Não é verdade